



Universidade Federal
de São João del-Rei



IZA CONDÉ DA CRUZ

*DESMEDIDA: AS CRÔNICAS DE VIAGEM DO SÉCULO XXI – DE ANGOLA PARA O
BRASIL*

PROGRAMA DE MESTRADO EM LETRAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI

São João del-Rei
Dezembro de 2018



Universidade Federal
de São João del-Rei



IZA CONDÉ DA CRUZ

*DESMEDIDA: AS CRÔNICAS DE VIAGEM DO SÉCULO XXI – DE ANGOLA PARA O
BRASIL*

Dissertação apresentada ao Mestrado em Letras – Teoria Literária e
Crítica da Cultura da Universidade Federal de São João del-Rei,
como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Teoria Literária e Crítica da Cultura

Linha de Pesquisa: Literatura e Memória Cultural

Orientadora: Eliana da Conceição Tolentino

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

TEORIA LITERÁRIA E CRÍTICA DA CULTURA

São João del-Rei

Dezembro de 2018



Universidade Federal
de São João del-Rei



Iza Condé da Cruz

*Desmedida: as crônicas de viagem do século XXI – de Angola para o
Brasil*

Banca Examinadora

Prof.^a Dr.^a Eliana da Conceição Tolentino – UFSJ (Orientadora)

Prof.^a Dr.^a Roberta Guimarães Franco Faria de Assis – UFLA (Titular Externo)

Prof. Dr. Argus Romero Abreu de Moraes (Titular Interno)

Prof. Dr. Luiz Manoel da Silva Oliveira
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras

Dezembro de 2018

Aos meus pais.

A todos que compartilharam comigo essa travessia.

Agradecimentos

Agradeço ao PROMEL - Programa de Pós-graduação em Letras - pela oportunidade de desenvolver essa pesquisa. Todo aprendizado profissional e pessoal não seria possível sem o programa e todos os profissionais envolvidos.

Minha gratidão a todos os professores envolvidos em meu processo de formação e que acompanharam de perto minha trajetória nas aulas: Suely, Anderson, Luiz Manoel, João Barreto, Maria Ângela, Antônio Assunção, Dylia e Cláudio, e aos secretários que passaram pelo Programa durante o período em que fui aluna.

Meu agradecimento à professora e orientadora Eliana que, em especial, expressei o meu carinho e admiração por ter se disposto a traçar comigo essa trajetória, dando-me a autonomia fundamental para meu crescimento; por acreditar em mim, mesmo nos momentos de receio e insegurança; pelos ensinamentos que ultrapassam a esfera acadêmica e, com certeza, guardarei para a vida.

Meu agradecimento aos colegas de turma que compartilharam comigo momentos de dificuldade, ansiedade e muita alegria. Pelos estudos, pelos almoços promovidos pelo nosso caro Dirceu, pelos momentos de distração e risadas compreensivas, sinceras e amigas.

À Kerlei, à Nat e ao Lucas Rafael grata pelo cuidado, pelo carinho; por me trazerem, sempre que preciso, de volta ao presente, de volta aos amigos. Agradeço por terem se tornado minha segunda família e segurando as pontas sempre que preciso; por compreenderem e respeitarem os meus momentos de ausência.

À Gabi, agradeço pela amizade construída em todos esses anos, aos nossos “cafés-terapias” cheios de aprendizados e carinho fraternal; por sempre auxiliar em meus questionamentos e ser como um espelho que mostra o lado mais simples e bonito da vida.

À Carol, minha irmã acadêmica, que a vida me presenteou, agradeço pela confiança, por compartilharmos grandes momentos, pela sororidade, por fazer parte desse trajeto.

Ao Eduardo, por ser meu exemplo de força e persistência;

À Fátima, pela confiança, por não me deixar desistir em hipótese alguma, por ter sido a transformação em minha vida;

À Teresinha Condé, por todo apoio e auxílio durante todo o meu período de graduação e pós-graduação, sem essa ajuda todo esse estudo não seria possível;

Minha gratidão ao George, por tornar mais leve essa caminhada, por me oferecer a paz e o equilíbrio necessário que trouxe força e incentivo para continuar; por me ouvir pacientemente, pelas palavras cheias de inspiração e por ter uma confiança única em minha capacidade.

A minha eterna e carinhosa gratidão aos meus pais, pelo apoio e pelo carinho. Pelo incentivo nos estudos e por me darem asas, mesmo sabendo que eu iria para longe deles durante algum tempo. Por me ajudarem em tudo que podiam e no que não podiam; pela confiança, pela força inabalável, pelo exemplo, sem os quais eu não teria ido a lugar nenhum. À minha irmã agradeço pelo carinho, por ser presença calma nos meus dias, por ser meu olhar de inspiração.

À Providência que é força e energia em minha vida.

Aos professores da banca que, com gentileza, me cederam seus olhares sobre essa dissertação.

A todos que fizeram parte desse trajeto, agradeço muito. Seja com apoio, um café, uma conversa amiga, um sorriso, um abraço. Todos que compartilharam um pouco de suas energias comigo. Provavelmente, vocês não sabem a importância de tiveram, mas estarão sempre, guardados em minhas memórias fraternas. Essa dissertação também é de vocês.

Resumo

O cronista, o sujeito acêntrico da obra *Desmedida* (2010), percebe, por meio de seu deslocamento no Brasil, a condição de sujeito viajante num período pós-colonial entre Angola e Brasil. Reflete sobre convergências e continuidades presentes nos relatos de outros viajantes que estiveram presentes nesses países e na literatura. Por consequência, esse sujeito questiona sua própria identidade e, ao encontrar com o outro e com as paisagens brasileiras, descobre muito sobre si. O objetivo principal desta dissertação consiste em evidenciar como são construídos os relatos desse angolano em viagem pelo Brasil, nos anos 2000. Pretende-se enfatizar que o Brasil sempre foi lugar de viagens e expedições para aqueles que visavam descobrir as paisagens do Novo Mundo. Essas expedições estavam presentes nos relatos de viagens como prosa ou diários e apresentavam perspectivas estrangeiras eurocêntricas as quais, apesar de reforçarem a identidade do país, produziam um estereótipo que ainda é marcante e deixou heranças. Dentre os/as críticos(as) e teóricos(as) cujas ideias dão sustentação às presentes argumentações, destacam-se Ania Loomba (1998), Edward Said (2011), Bhabha (1998), Flora Sussekind (1990), Stuart Hall (2006, 2009, 2016), Foucault (1992) e Thomas Bonnici (2009). Dessa forma, ressaltaremos as perspectivas do sujeito visando seu posicionamento, suas releituras e reescritas como instrumentos para lembrar o passado colonial do Brasil e de Angola. Além disso, também buscaremos compreender como a identidade do cronista é questionada e evidenciada por meio da diferença em sua narrativa.

Palavras-chave: crítica pós-colonial, crônica, viagem.

Abstract

The chronicler, the centerless subject of *Desmedida* (2010), realizes, through his displacement in Brazil, his condition as a traveling subject between Angola and Brazil in a post-colonial period. The subject reflects on the convergences and continuities presented on other travelers reports about the aforementioned countries and literatures. As a result, this subject questions his own identity and, in meeting the other and the Brazilian sceneries, discovers a great deal about himself. The main goal of this dissertation is to bring to light the processes in which this Angolan's accounts are constructed in his trip around Brazil, in 2000. We intend to approach Brazil as a place of traveling and expeditions to those who envision the discovery of landscapes in the New World. These expeditions were found in travel reports, like prose or journals, and presented foreign Eurocentric perspectives, which, despite reinforcing the country's identity, produced a stereotype that is still remarkable and has left some marks. Among the many critics and theorista whose ideas give the theoretical basis to arguments here put forth, the following ones are outstanding: Ania Loomba (1998), Edward Said (2011), Bhabha (1998), Flora Sussekind (1990), Stuart Hall (2006, 2009, 2016), Foucault (1992) e Thomas Bonnici (2009). Therefore, we intend to highlight this subject's perspectives, focusing on his positioning, his re-readings and re-writings as instruments to remember the colonial past of Brazil and Angola. In addition, we also seek to comprehend the ways in which the chronicler's identity is questioned and emphasized by means of difference in the narrative.

Key words: postcolonial criticism, chronic, travel.

SUMÁRIO

Introdução.....	p.10
Capítulo1. Encontros e convergências: uma visita pós-colonial.....	p. 16
1.1 Independência de Angola	p.16
1.2 O narrador, viajante e cronista.....	p. 18
1.2.1. O cineasta.....	p. 19
1.2.2 O contista.....	p. 22
1.3“Um escritor entre seus personagens”*.....	p. 26
1.4 O rio, o velho Chico.....	p. 31
Capítulo 2. A viagem pós-colonial.....	p. 36
2.1 Do colonial à leitura pós-colonial.....	p. 36
2.2 O desejo da viagem	p. 39
2.3 Crônicas e viagem	p.44
2.4 Memória	p. 47
2.5 A segunda metade.....	p.51
Capítulo 3 A pluralidade do ser, afinal somos “nós”.	p. 57
3.1 Identidade e diferença	p. 57
3.2 Subversão da identidade	p. 63
3.3 Alteridade e o outro	p. 64
3.4 A reescrita pós-colonialista.....	p. 68
3.5Conhecendo Teodoro Sampaio.....	p. 72
Considerações finais.....	p. 77
Referências bibliográficas	p. 84

Introdução

Escrever é sempre partir...

(Ruy Duarte de Carvalho)

Escritor, poeta, etnógrafo, artista plástico, cineasta, antropólogo, professor; Ruy Duarte de Carvalho andou por todos esses caminhos da arte enquanto morou em Angola, Namíbia, Moçambique, Bruxelas, Inglaterra, Brasil, Portugal, tantos lugares que lhe deram a bagagem para a criação de sua obra que inclui ficção, ensaios, diários de viagem, poemas, ilustrações e crônicas.

Desmedida foi a penúltima obra publicada por Ruy Duarte de Carvalho, autor angolano, falecido no ano de 2010, tendo a sua primeira publicação em 2006 pela editora Cotovia, em Portugal. *Desmedida* destaca-se pela aproximação entre Angola e Brasil e, por consequência, Portugal em sua função de intermediadora entre os países.

Ruy Duarte de Carvalho em grande parte de sua produção dedicou-se aos estudos culturais sobre a África e mais especificamente sobre Angola. E, como um leitor assíduo, leu muito sobre Angola e Brasil. Dessa forma, em *Desmedida* o intelectual angolano propõe uma diferente análise: ele quer conhecer o país do outro lado do Atlântico Sul e “dizer do Brasil a partir de Angola” (CARVALHO, 2010, p. 54) e da sua situação em relação ao mundo e a Angola. Sendo assim, Carvalho vem ao Brasil como um viajante-cronista seguindo um trajeto em torno das margens do Rio São Francisco¹.

Alguns detalhes sobre o autor Ruy Duarte, como suas influências e suas produções como antropólogo e cineasta, auxiliam para que *Desmedida* seja uma obra que nos apresenta

¹“A Hidrovia do São Francisco está localizada na Bacia do Rio São Francisco que possui uma área aproximada de 640.000 quilômetros quadrados (...). Apesar de a hidrovia ser lindeira apenas às microrregiões dos estados de Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Bahia e Minas Gerais, sua Área de Influência engloba também o estado de Goiás e o Distrito Federal. Segundo a AHSFRA (2011). O Rio São Francisco divide-se em Baixo, Médio e Alto São Francisco (p 1-2)”.

Mais informações disponíveis em <<<http://web.antaq.gov.br/Portal/PNIH/RTBaciaSaoFrancisco.pdf>>>. Último acesso em novembro de 2018.

diferentes caminhos. A priori, encontramos nesse livro um caminho literário e geográfico, logo que é uma obra em que a viagem é determinada por dois autores Guimarães Rosa e Euclides da Cunha ou mais especificamente *Grande Sertão: Veredas* – alto São Francisco – e *Os Sertões* – baixo São Francisco. E Ruy Duarte de Carvalho também dialoga em seu livro com outros dois escritores que foram importantes para despertar o interesse por essa viagem: Richard Francis Burton e Blaise Cendrars, ambos viajantes que passaram pelo Brasil respectivamente nos séculos XIX e XX.

Por segundo, ao pensarmos no autor é importante considerar que Ruy Duarte de Carvalho nasceu em Santarém, Portugal, mas, ainda criança, foi levado para Moçâmedes, atual Namibe, e após 1975 optou pela cidadania angolana, quando Angola tornou-se um país independente de Portugal. Assim, Carvalho viu os ideais nacionalistas surgirem em algumas regiões do país, mas foi no “sul de Angola e com os povos pastoris e a vida no deserto” que firmou a pesquisa que rendeu o filme *Nelisita: Narrativas Nyaneka* (1982) e com o mesmo obteve o diploma da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais em Paris.²

A narrativa de *Desmedida* aparenta construir um diário, mas logo se torna um texto de reflexões acerca do Brasil, de Angola, de viajantes e uma reflexão do cronista sobre si próprio e a condição de estrangeiro no Brasil. A partir desse ponto, essa obra promove diálogos às vezes sobre a rota geográfica, às vezes, literária e por muito existencial do autor-narrador que procura fora de seu país explicações para a condição que os lugares onde viveu determinaram para ele, ou seja, é olhar para o outro e tentar ver a si próprio.

A partir da importância que a geografia tem para a criação de um percurso e de uma escrita para Ruy Duarte de Carvalho, encontramos um projeto de fronteiras. Em seu conceito, fronteira é a linha ou zona que separa dois lugares. Ruy Duarte aos poucos desestabiliza a fronteira entre Brasil e Angola, aproxima os países e, na viagem, tenta entender, dentro de um espaço múltiplo, a multiplicidade de sua identidade. Em *O local da Cultura*, Homi K. Bhabha (1998) afirma que

o trabalho fronteiro da cultura exige um encontro com “o novo” que não seja parte do *continuum* de passado e presente. Ele cria uma ideia do novo como ato insurgente de tradução cultural. Essa arte não apenas retoma o passado como causa social ou precedente estético; ela renova o passado,

2CARVALHO, Ruy Duarte. *Da tradição oral a cópia standard: a experiência de Nelisita*. Bualá, 10 de setembro de 2011. Disponível em: <<http://www.buala.org/pt/ruy-duarte-de-carvalho/da-tradicao-oral-a-copia-standard-a-experiencia-de-nelisita>>. Último acesso em novembro de 2018.

refigurando-o como um “entre-lugar” contingente, que inova e interrompe a ação do presente. O “passado-presente” torna-se parte da necessidade, e não da nostalgia, de viver. (BHABHA, 1998, p. 27, grifo do autor)

Ruy Duarte de Carvalho traz em suas fronteiras o “entre-lugar” reconfigurado pelo passado e pelo presente. Por vezes, o espaço geográfico é atravessado pelo espaço do autor do texto que, em certos momentos, deixa-se “envolver por uma bolha de temporalidade e de velocidade de pensamento dessas que não tem nada a ver com as durações comuns” (CARVALHO, 2010, p. 20). Esse tempo entre passado e presente que Ruy Duarte presencia demonstra a desmedida narrativa que se constitui a partir de suas leituras acerca de Richard Burton, Blaise Cendrars, Euclides da Cunha e Guimarães Rosa, compartilhando experiências e fronteiras.

Outro ponto que será ressaltado neste trabalho é a apresentação de *Desmedida* por meio de uma visão que não é da Europa, mas que parte de países com histórias semelhantes, Angola e Brasil, que passaram parte da história protagonizada/dominada pelo mesmo colonizador. O posicionamento do autor, dessa maneira, é de buscar na literatura referência para a sua viagem, porém desemoldurando o que já foi escrito, tendo a visão de um antropólogo angolano entre fronteiras brasileiras e angolanas.

Em relação aos estudos sobre identidade, levando em consideração as observações de Stuart Hall (2006) na obra *A identidade cultural na pós-modernidade*, entendemos que as análises do teórico adequam-se a *Desmedida*, pois o cronista propõe-se a fazer uma viagem que também busca o reconhecimento de si mesmo e de seu lugar no mundo. De acordo com Hall (2006) devido ao declínio das velhas identidades, novas estão surgindo e, conseqüentemente, as identidades pós-modernas estão sendo descentradas, isto é, deslocadas e fragmentadas. Dessa forma, o teórico procura entender a crise e as modificações que envolvem o sujeito pós-moderno. A globalização, segundo o autor, surge como um fator determinante para a modificação desse sujeito. Por isso, ele é caracterizado por não ter uma identidade fixa, essencial e permanente (p. 12) e, por conseqüência, as identidades culturais estão em transição entre diferentes posições (p.88).

Além das questões identitárias, Ruy Duarte de Carvalho propõe uma reflexão sobre Brasil, Angola e sobre si, ademais, convida aquele que lê a fazer o mesmo. Dessa maneira, em sua escrita, encontramos a correlação entre identidade, o espaço e a proposta pós-colonial, planejada nesse estudo.

A identidade é algo que o cronista procura compreender ao se perceber em um espaço que era conhecido apenas por suas leituras e notícias. O colonial insere-se em um contexto em que Brasil e Angola encontram-se e o pós-colonial é a proposta de reflexão sobre ambos os países, como discutiremos adiante.

Em *Desmedida* o cronista procura entender-se por meio do outro, por isso, a alteridade é outro ponto marcante em seu texto e questioná-la é o que faz descrever e revisar suas considerações sobre o que já viu e leu sobre o Brasil, já que, como ressalta Ana Mafalda Leite (2016) em seu artigo “Pós-colonial e pós-colonialismo: propriedades e apropriações de sentido”, a teoria pós-colonial torna-se também um lugar de questionamento, de tensão e de revisão (p. 68). Diante do exposto, podemos citar muitos intelectuais que também refletiram sobre a questão pós-colonial, a alteridade e o lugar dos africanos ou dos não ocidentais no mundo, como Franz Fanon (2008), Edward Said (2011) ou Homi Bhabha (1998). Para esses pensadores muito havia a se pensar, pois eles se encontravam em um mundo de transformação nas relações humanas e nas perspectivas políticas.

Ruy Duarte de Carvalho, em *Desmedida*, retoma muitos olhares sobre o Brasil e relembra o significado de travessias e como elas foram importantes para construir um imaginário histórico, político e social do Brasil. Muitos viajantes que por aqui passaram construíam uma narrativa sobre o país, suas paisagens e seu povo. Muito foi retirado, muito foi trazido e imposto. É como Silviano Santiago (1989) questiona em “Por que viaja o europeu?” o intelectual de Formiga, Minas Gerais, levanta várias hipóteses para responder essa pergunta e dentre elas está: “Camões já nos dizia que se o europeu viajava era para propagar a Fé do império, no que tinha muita razão” (p. 221). Outro fator que Silviano (1989) aponta, o qual Camões não enfatiza, é o gosto do português pelo desconhecido, a curiosidade pelo que lhe é diferente, pelo outro - indígena, diferente e simétrico ao europeu (p. 222). Assim, sob a ética da aventura, o português vai singrando os mares e dominando povos. E após a descoberta do “Novo Mundo” não só portugueses como muitos outros europeus também tiveram a sua experiência em terras brasileiras, como Pero Vaz de Caminha, Henry Koster, James Henderson, Richard Francis Burton, Johan Moritz Ruguendas, Maria Graham ou o franco-suíço Blaise Cendrars.

No início do século XXI, um viajante do hemisfério sul – Angola, admirador de João Guimarães Rosa, vem ao Brasil e também deixa o seu relato sobre sua travessia em *Desmedida* (2010), a começar com a epígrafe que anuncia “estamos é juntos no vaivém das

balsas” (p. 9). É por essa epígrafe que o intelectual aponta a proximidade entre Brasil e Angola.

Sabe-se da relevância dos estudos africanos para a sociedade brasileira e para os próprios países de África. Há, nesse contexto, caminhos que são marcas históricas, sociais e econômicas das relações construídas entre os países. No Brasil não é conhecida por muitos a relevância que a cultura literária brasileira tivera em Angola, sobretudo durante a época da colonização, porém Ruy Duarte de Carvalho escreve sobre essa importância “um branco assim como eu, que passou a vida toda em Angola a tentar fazer o que podia pela terra e ainda assim atento ao que lhe chegava do Brasil, a ler os seus Freyres, os seus Josués (...), e a esbarrar em rosas, a tropeçar em Euclides” (CARVALHO, 2010, p. 189).

E não foram apenas Rosas e Euclides, Ruy Duarte de Carvalho em *Desmedida* apresenta-nos uma grande rede de referências a escritores, artistas e de viajantes, como o artista Aleijadinho, o navegador Américo Vespúcio, o grande crítico literário Antonio Candido, o político Assis Chateaubriand, o explorador Samuel White Baker, Camões, o cantor e compositor brasileiro Chico Buarque, o escritor franco-suíço, Blaise Cendrars, entre muitas outras personalidades. Dessa forma, a obra é tecida por meio de vários autores, assim, diferentes vozes são associadas e lembradas.

Brasil, Angola e história juntam-se por meio da literatura, da paisagem e do espaço em *Desmedida* e Ruy Duarte de Carvalho, por meio de outros autores, procura encontrar a sua substância humana ou, ainda mais, longe, a sua *Terceira margem*,

e às paixões, às paisagens literárias dos Sertões de Guimarães Rosa e Euclides, e tudo pelo São Francisco abaixo, tudo situável ao longo do São Francisco, eu de Luanda à Barra do Rio Grande, ou mais longe ainda, a procura da terceira margem de mim mesmo, pois então...

Em *Desmedida* não temos um europeu a observar as terras brasileiras, mas sim um angolano a refazer caminhos de Guimarães Rosa e, ao mesmo tempo, escrever suas reflexões sobre sua viagem. Dessa forma, Ruy Duarte de Carvalho vem ao Brasil e percebe-se que sua motivação é, principalmente, afetiva, pois viaja por São Paulo, pelos entornos do rio São Francisco e pelo sul da Bahia, entre um roteiro geográfico e literário, baseado em duas obras brasileiras: *Grande Sertão: Veredas* de Guimarães Rosa e *Os Sertões* de Euclides da Cunha.

Esse trabalho tem como objetivo analisar as perspectivas do sujeito visando seu posicionamento, suas releituras e reescritas como instrumentos para lembrar o passado colonial do Brasil e de Angola. Além disso, também buscaremos compreender como a identidade do cronista é questionada e evidenciada por meio da diferença em sua narrativa..

Para analisarmos o aqui proposto, esta dissertação será dividida em três capítulos que serão organizados da forma exposta a seguir. O capítulo um, “Encontros e convergências: uma visita pós-colonial”, explicará parte do percurso do escritor Ruy Duarte de Carvalho, será dedicado também a discussão sobre Angola e o desejo de viagem, traçando o caminho bibliográfico que guiará a análise da obra *Desmedida*. Para tanto, propomos a seguinte subdivisão do capítulo: “1.1 Independência de Angola”, “1.2 O narrador, viajante e cronista”, 1.3 “Um escritor entre seus personagens” e “1.4 O rio, o velho Chico”.

Já no capítulo 2 “A viagem pós-colonial” levantaremos uma discussão teórica sobre o colonialismo e o pós-colonialismo por meio dos subcapítulos “2.1 O que é colonial?”, “2.2 O que é pós-colonial?”, “2.3 O desejo da viagem”, “2.4 Crônicas de viagem”, “2.5 Memória”, “2.6 A segunda metade”.

O capítulo 3 “A pluralidade do ser, afinal somos ‘nós’” será dedicado ao estudo sobre identidade, alteridade, estereótipo e a reescrita, constatando como a identidade influencia no olhar do cronista sobre si mesmo e sua relação com o outro. A reescrita, estando relacionada com o contexto colonial, demarca uma reflexão sobre passado e presente de Angola e Brasil e como todas essas questões influenciaram na construção de *Desmedida* como um projeto de viagem do eixo sul-sul. Desse modo, refletiremos nos subcapítulos sobre “2.1 Identidade e diferença”, 2.2 Subversão da identidade”, “2.3 Alteridade e o outro”, “2.4 A reescrita pós-colonialista”, “2.5 Conhecendo Teodoro Sampaio”, “2.6 O cronista pós-colonial”.

Capítulo 1. Encontros e convergências: uma visita pós-colonial

*Cada um tem seu tempo.
E tem o tempo dos outros
que às vezes encontra o seu.
Importante, na verdade,
é ter um tempo no mundo.
Um homem é onde está,
se a força de viver lhe não fugiu
e houver entendimento para o que é vivo.*

(Ruy Duarte de Carvalho)

1.1 Independência de Angola

Dentre os fatores para se atribuir a devida importância na relação entre Brasil e Angola há as políticas construídas entre esses países ao longo do tempo. Uma delas é o fato de Brasil ter sido o primeiro país a reconhecer a independência de Angola em consequência do governo do Movimento Popular pela Independência de Angola (MPLA). Outro fator é que os dois países sempre mantiveram uma relação de proximidade devido às suas contiguidades históricas. Muitos africanos foram trazidos para o Brasil durante a época em que a escravidão era instituída, por isso, o Brasil, devido à política de colonização imposta por Portugal, possui hoje grande parte de sua população de origem africana. Apesar das semelhanças entre a colonização do Brasil e de Angola, as relações de Portugal com as duas colônias são distintas: Brasil – colônia produtora de bens materiais e Angola – colônia exportadora de mão de obra, principalmente.

A independência do Brasil em 1822 gerou preocupações internas e econômicas para Portugal e essa questão refletiu em Angola. Na Conferência de Berlim (1884-1885) umas das condições impostas a Portugal foi que o país na ocupação em territórios africanos iniciasse as colônias de povoamento.

Antes da conferência de Berlim, os portugueses tinham seu foco de exploração apenas em Luanda e Benguela no litoral de Angola e em Dondo, que foi, até 1980, parque industrial do país. Mas, com a independência brasileira, Portugal retomou a exploração das colônias

africanas. Antes, esse contato que ocorria principalmente no litoral, estendeu-se para as zonas interiores, onde, ainda, muito dos habitantes conservavam seus costumes sem a interferência ocidental. A ocupação das terras do interior angolano pode ser observada a partir de três ciclos que correspondem à comercialização do escravo, do marfim e da borracha.

É importante lembrar que a independência do Brasil refletiu tanto em relação a Angola quanto na relação com a diplomacia inglesa. Kamila Raquel Rizzi (2005) afirma que as relações “triangulares que uniram Brasil e Angola, e estes dois a Portugal foram modificadas” (p. 22). Rizzi (2005) mostra que em Angola houve a divisão entre correntes que reivindicavam a união da então colônia com o Brasil e, do lado oposto, grupos que estimulavam a permanência do vínculo com Portugal. Para a Inglaterra, Rizzi (2005) ressalta que com o intuito de manter o vínculo comercial com o Brasil, o objetivo era extinguir as ligações entre Angola e Brasil. De acordo com Martins (*apud* Rizzi, 2005) a Inglaterra interessa-se pela extinção da escravidão para evitar a formação de um Império Sul-Atlântico, sob o domínio brasileiro. Para tanto, a Inglaterra reconheceu a independência do Brasil, de forma que o país comprometeu-se, em 1825, a não se anexar a nenhuma das colônias africanas dominado por Portugal.

A partir de então, como afirma Rizzi (2005), o Brasil interrompeu as relações com Angola e priorizou a resolução de conflitos fronteiriços, como o da Bacia da Prata e o contato com os países que dominavam a África. Apenas após o fim da Segunda Guerra Mundial, o Brasil retomou o contato com Angola, que ainda permanecia como colônia portuguesa.

Em relação à luta pela independência de Angola, Rizzi (2005) ressalta que esse processo coincidiu com um encadeamento maior de descolonização da África e da Ásia. Primeiramente, um dos motivos da independência tardia é devido ao regime autoritário que aconteceu em Portugal, então governado por Antônio Salazar (1932-1968) e Marcelo Caetano (1968-1974), ambos eram defensores do colonialismo. Em 1950, com o intuito de manter o controle sobre a colônia, o governo português incentivou a emigração dos portugueses para Angola. Enquanto isso, em Angola, em 1956, há a formação de um grupo de intelectuais sob a direção de Agostinho Neto, o MPLA – Movimento Popular pela Independência de Angola, a partir de então iniciou uma série de protestos exigindo a libertação de Angola. Portugal se recusa a aceitar as demandas feitas pelo MPLA, por isso, a partir de 04 de fevereiro de 1961, tiveram início os conflitos armados em Luanda. Além do MPLA, havia outros grupos também interessados na independência da colônia, como FNLA – Frente Nacional para a Libertação de

Angola – e o UNITA – União para a Independência Total de Angola – grupo que surgiu da separação de membros do FNLA.

Assim, em 1975, além do estímulo à emigração, outras estratégias foram criadas para evitar os conflitos armados, como a diminuição de impostos, a facilidade de acesso ao capital estrangeiro e, em 1973, a elevação de Angola e Moçambique para estados semiautônomos.

Com o fim do regime salazarista de Marcelo Caetano, derrubado com a Revolução dos Cravos em 1974, Portugal passa por uma redemocratização. Assim, o processo de independência de Angola toma agilidade e, finalmente, a independência do país pôde ser oficializada, porém uma guerra civil continuou até 2002.

O Brasil foi o primeiro país a reconhecer a independência de Angola em 1975. O diálogo entre Brasil e África se intensificou com o passar dos anos. Luiz Inácio Lula da Silva, presidente do Brasil entre 2003 e 2011, retoma uma relação intensa que começou a ser desenvolvida pelo governo brasileiro na década de 1970. O objetivo de estabelecer essa conexão era resgatar a dívida do Brasil para com África. Durante esse período, o então presidente visitou vários países de África com o objetivo de estabelecer um diálogo mais formal e prestar auxílio técnico aos países africanos.

É a partir dessa estreita relação entre Brasil/Angola que também situamos o texto de Ruy Duarte de Carvalho, pois é para o Brasil que ele vem em busca de autoconhecimento, é para a literatura brasileira que se volta quando procurou, ainda em Angola, constituir seu arcabouço literário, lendo muitos escritores e cronistas que escreveram sobre o Brasil e lendo literatura brasileira, ouvindo música brasileira, assistindo novelas brasileiras, enfim, comunicando-se com a cultura brasileira.

1.2 O narrador, viajante e cronista

Nesta dissertação apresentamos uma breve biografia intelectual de Ruy Duarte de Carvalho em diálogo com sua obra, pois essa é, certamente, resultado de suas indagações e reflexões e, além disso, resultado de um trabalho cuidadosamente pensado e construído durante sua vida.

Ruy Duarte nasceu em Santarém, distrito de Portugal situado na região do Alentejo, em 1941. Ainda criança foi para Moçâmedes – atual Namibe, capital da província de Namibe -, onde ficou até 1955, ano em que voltou para Santarém.

Em 1960 voltou para Moçâmedes e trabalhou na área da cafeicultura e da pecuária. Em 1971 vai para Lourenço Marques, atual Maputo, em Moçambique, onde atuou como chefe de produção em uma fábrica de cervejas.

1.2.1 O cineasta

Em 1972, Ruy Duarte de Carvalho encaminha-se para Londres com o objetivo de estudar cinema. Quando regressa a Angola, o intelectual viaja para o sul e, com uma equipe de cinco pessoas, gravam o documentário *Presente Angolano: Tempo Mumuíla* (1979). E, como ramificação desse projeto, também produziram os filmes: *Nelisita: narrativas Nyaneka* (1982) e *Moia: o recado das ilhas* (1989).

Tanto os documentários quanto os filmes são importantes produções angolanas. *Nelisita*, por exemplo, teve sua filmagem realizada no sudoeste de Angola em meio à limitação de recursos para a produção e às guerras de pós-independência. Esses filmes e o documentário registraram aspectos culturais, como a oralidade e o (re)imaginar angolano, pois Ruy Duarte de Carvalho propõe novos formatos para os contos tradicionais daquele povo e reformula, por meio do cinema, uma nova maneira de registrar e contar suas memórias.

Ruy Duarte de Carvalho (2008b) na coletânea *A câmara, a escrita e a coisa dita...: fitas textos e palestras*, em seu artigo, “Da tradição oral à cópia *standard*: a experiência de *Nelisita*”, afirma que três tipos de questões são abordadas nos documentários produzidos nas décadas de 1970 e 1980: primeiramente a das populações retratadas nas produções, “por segundo a do filme como uma forma de abordagem social e, por último, a deste tipo de cinema no contexto do cinema entendido como instrumento de trabalho e via de expressão” (CARVALHO, 2008b, p. 435). Portanto, as suas produções fílmicas retrataram e reproduzem a fragilidade de uma cultura diante da colonização, que tem a oralidade, a experiência e a sabedoria dos mais velhos como fonte de preservação cultural.

Ana Mafalda Leite (1998) em seu ensaio “Empréstimos da Oralidade na Produção e Críticas Literárias Africanas” afirma que as literaturas africanas de língua portuguesa têm tido um maior desenvolvimento editorial e criativo após as independências políticas dos cinco países africanos colonizados pelos portugueses – Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe e Cabo Verde. Porém, Leite (1998) ressalta que a área de estudos literários africanos já existia em forte desenvolvimento há mais de duas décadas mesmo com esses países em

situação pós-independência. A autora também declara que a literatura nesses países africanos de língua oficial portuguesa teve “seu percurso próprio, um pouco distanciado do que ocorreu no resto de África” (p. 11), por isso, exigem uma diferente reflexão e estudar a oralidade torna-se algo muito relevante no âmbito das produções literárias.

Para Ana Mafalda Leite (1998), a escrita aparece para alguns autores africanos em um contexto de “continuidade” entre as tradições orais. A autora cita como exemplo o poeta senegalês Leopold Sédar Senghor que foi o primeiro escritor a exprimir essa ideia de continuidade. No entanto, outro fato que a autora destaca é que a oralidade, por ser um processo coletivo, abriu espaço para a construção do preconceito de que as tradições orais são acessíveis a todos e igualitárias e, ao contrário, a escrita e a tecnologia seriam mais seletivas, por requerem uma preparação especial (p. 21), por isso, a ideia de que a “literatura africana moderna nasce a partir da introdução da escrita em África pelos europeus” (p. 14) pode levar, de acordo com Leite (1998), a uma dicotomia no discurso crítico: a escrita é europeia e a oralidade africana. Assim, é importante frisar que a oralidade é uma característica das culturas africanas, mas não é algo restrito ou específico, pois “a predominância da oralidade em África é resultante de condições materiais e históricas e não uma resultante da ‘natureza’ africana” (LEITE, 1998, p. 17).

Para Ruy Duarte de Carvalho (2008b), que morava em Angola desde criança, o contato com a oralidade africana sempre foi muito estreito. E depois ao articular e adaptar os dois contos da tradição oral de Nyaneka - os quais já haviam sido registrados por meio da escrita pelo missionário católico Pe. Carlos Estermann, *Cinquenta contos bantus do Sudoeste de Angola* -, para o registro cinematográfico, fez suas gravações com conjunto com as pessoas nyaneka com as quais iria filmar. Sobre essa questão, Carvalho (2008b) informa:

escutei atentamente as suas versões sobre esses mesmos temas. Estava assim a pretender respeitar o caráter dinâmico da narrativa oral. Mas estava também plenamente ciente de que forma o tratamento cinematográfico que pretendia dar às narrativas iria, implicitamente, ao fixar uma versão das histórias em película de cinema - num suporte físico, portanto, técnica e materialmente reprodutível a partir de uma versão fixada -, de que forma esse tratamento iria contrariar, obstruir mesmo, a dinâmica específica da reprodutibilidade oral. Tranquilizei nessa altura a minha consciência colhendo apoio num livro de Denise Paulme. Se de fato dentro do *espírito da própria literatura oral*, como diz essa autora, *um conto é sempre e antes do mais uma obra onde a preocupação de bem dizer se alia à repetição, e se um conto não existe senão a partir do momento em que, tendo sido apreciado por um auditor, este decide comunicá-lo a um novo auditório*, então era

precisamente isso que me estava a acontecer e minha acção estava portanto legitimada. (CARVALHO, 2008b, p. 52 grifo do autor)

Percebe-se que Carvalho (2008b) estava preparado para questionamentos quanto a essa acção de transferir os contos da tradição oral para o registro cinematográfico. Houve uma reflexão do próprio autor sobre essa fixação dos contos e, provavelmente, a descaracterização da principal particularidade dos registros orais: a dinâmica específica da reprodutibilidade oral, como o próprio afirmou.

Além das particularidades dessa transição da oralidade para o registro cinematográfico, enquanto filmava, Ruy Duarte de Carvalho deparou-se com outras dificuldades: em primeiro lugar, a questão do momento em que o país se encontrava e, por segundo, as questões econômicas.

É importante frisar a fase que o intelectual encontrava-se em Angola e as condições do país durante a realização daquelas filmagens. *A priori*, temos Angola como colônia de Portugal e em meio a uma guerra de independência. E, apesar de em 1975 o país tornar-se oficialmente independente de Portugal, ainda permaneceu em uma guerra civil que terminou apenas em 2002.

Devido a esse momento em que o país se encontrava, para o diretor, o retorno financeiro do filme não era o fator principal, mas sim a sua disponibilização e divulgação, pois seu interesse era “revelar a existência dos Mumuúlas, de sua cultura, dos seus problemas, opiniões e posições face a um tempo novo, como todas as implicações que a independência inaugurara” (CARVALHO, 2008b, p. 439).

Mesmo diante das dificuldades houve a recusa da possível cooptação pelo estado: “em primeiro lugar ficou imediatamente estabelecido que não procederíamos a compensações monetárias como forma de legitimação do nosso trabalho. A nova ordem política determinava outro tipo de relações”. (CARVALHO, 2008b, p. 439).

A necessidade daquele momento requeria uma postura independente:

o estado é o único produtor de filmes em Angola, os cineastas angolanos são funcionários do Estado, Angola é um país destruído por uma guerra e levado a sustentar outra. Um cidadão angolano que se assumia como realizador de filmes em Angola coloca-se inevitavelmente perante um quadro complexo de

interferências, cuja necessidade de conjugar harmoniosamente há de por certo determinar o aparecimento de uma resposta pessoal a que só a sua obra, de facto, poderá e deverá dar resposta (CARVALHO, 2008, p. 442).

O trabalho foi colaborativo, pois contou com a participação da população dos Mumuílas que auxiliaram confeccionando vestimentas, fornecendo alimentos e os carros de bois que foram necessários para a realização do filme *Nelisita*. São pontuações como essas que valorizam, não só o resultado final da produção do filme, mas também reafirmam como o processo de gravação foi importante para compreender a relevância dessa iniciativa autônoma. Por exemplo, a independência monetária lhe deu a autonomia para produzir filmes com temas e questões específicas de Angola, ou seja, questões que abordavam a identidade angolana, com ou sem a interferência do colonizador.

1.2.2 O contista

Na mesma época que realizava o filme e os documentários, mais especificamente em 1977, *Como se o mundo não tivesse leste* foi publicado. O livro, com três contos que se ambientam no sul de Angola, retrata a fome, a caminhada e luta pela sobrevivência dos povos nômades, os pastores do sul, já na última fase do domínio colonial.

Dessa forma, Ruy Duarte de Carvalho (1977) retrata em *Como se o mundo não tivesse leste* parte do resultado que a colonização deixara no país, pois os colonizadores, ao imporem privilégios para si na terra do colonizado, assim como afirma Memmi, “alterando as regras aceitas e substituindo pelas suas” se tornam usurpadores (p. 42). Assim, naquele momento a violência estava presente nas relações socioculturais em Angola, pois para o colonizador o domínio dá-se, preferencialmente, pela violência, pela força bruta.

O primeiro livro de contos publicado por Ruy Duarte de Carvalho (1977) tem sua importância, pois essas três narrativas retratam um momento específico de Angola que, por meio de uma interferência desastrosa no país, o colonizador explorava-o social e culturalmente.

Já no primeiro conto, “As águas do Capembáua”, veem-se retratadas a subserviência e a dominação do colonizador:

Os vultos negros cresciam do declive, assumindo o porte e as feições, o brilho das pulseiras e dos atavios, a solidez das pernas e a certeza dos passos. À sua presença vinham Tchimutengue, um seu tio nomeado Xavier, o Gueira,

seu cunhado, um miúdo e o José. Às costas do miúdo, um cabrito. Nas mãos do Tchimutengue uma cabaça de leite azedo. Depositaram a carga no chão “é pra ti, branco”. (CARVALHO, 2008, p. 40)

Em “João Carlos, natural de Chinguar, no Bié”, podemos observar os efeitos da colonização sobre e a exploração do trabalho dos africanos, muitas das partes desse conto são construídas em forma de poema.

João Carlos seu nome,
 natural do Chinguar,
 pastor de ovelhas agora,
 outras coisas noutros tempos:
 escalador de peixe grosso,
 nas salgas de Equimina,
 cortador de cana verde
 nas baixas da Tentativa,
 viveirista de café
 nas roças da Boa-Estrada
 cozinheiro de alemão
 em fazendas de Calulo,
 ajudante de tractor
 em plantações de sisal.
 E as outras coisas cumpridas
 na vida particular:
 agricultor de quintais
 nos planaltos de Bié,
 casado por mão de padre
 na igreja da missão,
 pai de dois filhos criados
 à custa de privação,
 e de mais três falecidos
 com enterro cristão (...)
 (CARVALHO, 2008, p. 78-79)

No terceiro conto “Como se o mundo não tivesse leste” o espaço metafísico e sagrado é inseparável do espaço geográfico, numa narrativa que passa pelo mundo dos vivos e pelo sobrenatural.

Os animais que tem ainda vivem, e a água, na cacimba, repõe-se em cada dia. Mas a tristeza é grande em sua face, virada para o mundo no meio do mundo, dirigida ao leste para invocar o bem. A dor do povo vem ferir-lhe a carne, lembrar-lhe a obrigação de responder pelos vivos (...). Responde pelos vivos quando encara os mortos, responde pelos mortos na resposta aos vivos (...). E o mundo é seco. (CARVALHO, 2008, p. 133-134)

Ruy Duarte de Carvalho aparece disposto a levantar discussões sobre Angola e suas condições naturais, geográficas, sociais e, principalmente, culturais. Carvalho foi um autor que transitou entre a oralidade, o cinema, a poesia, os contos no que tange às questões angolanas. Sua escrita apresenta reflexões que atravessavam diversos gêneros e, assim como afirmou Rita Chaves, (2007) “a leitura da obra de Ruy Duarte apresenta uma outra marca que constitui um importante sinal da sua ligação com a contemporaneidade. Trata-se da atenuação entre as fronteiras dos gêneros literários convencionalmente instituídos” (p. 144). De semelhante forma acontece em *Desmedida*, a obra aparece como um texto próximo à oralidade, é ficção, são crônicas, é um diário de viagem, afinal quando o narrador se propõe a fazer uma viagem para conhecer e reconhecer os sertões brasileiros, o diálogo com Angola é realizado.

Um dos fatores que nos levam a observar a urgência do autor em escrever sobre Angola é a sua origem e formação como angolano e europeu, afinal, apesar de ter nascido em Portugal, ele naturalizou-se angolano em 1975. Essa é uma condição recorrente para muitos portugueses que viveram e nasceram em Angola na época da colonização, como é o caso semelhante do escritor luso-angolano José Luandino Vieira, que nasceu em Portugal, aos três anos de idade foi levado para Angola.

Em uma entrevista ao jornal português *Público* em cinco de junho de 2000, Ruy Duarte de Carvalho, sobre sua nacionalidade, afirma:

Sou de origem portuguesa e nasci em Portugal. Quando me perguntam se sou angolano de opção, respondo que não, não é de opção, é de condição. Não se me pôs a necessidade de optar. Quando ocorreu a independência eu já estava de há muito implicado, tanto quanto era possível, numa causa – a causa do nacionalismo angolano. E continuo a estar. As razões que me motivam, me arrepiam, me determinam, são as razões de Angola. É o meu lugar no mundo. É lá que me situo, com todas as vicissitudes conhecidas. Digo-lhe já, antes que me pergunte, que é evidente que a realidade de Angola me confrange e me constrange. Mas ainda não desisti de perseguir de alguma forma aquilo que me motiva desde pequenino e, por outro lado, também não posso desistir de, com os recursos que tenho ao meu alcance, ir tentando ajudar a remediar a situação.³

Percebe-se, pelo trecho da entrevista, que o Carvalho responsabiliza-se perante Angola, já que é angolano por condição e desde cedo se envolveu com demandas nacionalistas do país e, consequentemente, com questões a respeito da própria nacionalidade.

3SEIXAS, Maria João. *Ruy Duarte de Carvalho*. Portugal, *O Público*, 5 de junho de 2000. Entrevista a Ruy Duarte de Carvalho. Disponível em <<<https://www.publico.pt/2000/06/05/jornal/ruy-duarte-de-carvalho-144854>>>. Último acesso em novembro de 2018.

Nessa mesma entrevista, Ruy Duarte de Carvalho (2000) afirmou que a consciência de nação em Angola existe, forjou-se, sedimentou-se pela negativa, em grande parte pela guerra. Para o ele “Angola funcionava como um país, mas não como uma nação”, portanto, (2000), o processo de nacionalização era algo em que todos estavam implicados, tanto portugueses que viviam no país quanto angolanos. A forte intervenção de Portugal, principalmente depois de perder sua maior colônia – o Brasil, trouxe consequências que atingem até hoje os angolanos.

De acordo com o sociólogo angolano Paulo de Carvalho⁴ (2011) a sociedade angolana entre 1960 e 1975 era dividida em três camadas, considerando como base os critérios de diferenciação europeus: a grande elite cidadina, em sua maioria portugueses, brancos, elite política, a elite militar, dirigentes religiosos ou detentores do poder econômico; a elite intermediária, era composta por um número maior de portugueses nascidos em Angola, que tinham um alto índice de instrução e prestígio sócio-profissional; e a elite “dispersa”, sendo essa última um grupo heterogêneo que ocupavam uma camada dispersa de funcionários públicos de baixo escalão – independente da cor da pele – e operários qualificados. De acordo com Paulo de Carvalho (2011), o que os unia era o fato de falarem português.

O sociólogo também aponta que abaixo da elite “dispersa” existia um grupo de nativos, que antes do ano de 1961 eram considerados indígenas. Esses tinham acesso às escolas primárias em menor grau e aos serviços sanitários inferiores e, além disso, a possibilidade de ingresso ao mercado de trabalho era reduzida, assim como o leque de opções de trabalho que poderiam exercer.

Abaixo do grupo considerado indígenas, ressalta Paulo Carvalho (2011), estavam aqueles que, de acordo com sociedade da colônia central, viviam nas comunidades periféricas e de modo diferente tanto do ponto de vista político, social, quanto econômico e cultural.

Desde a colonização, certos pensamentos, ideias e costumes mantiveram-se para o povo angolano. Todo negro que tinha acesso à cultura do branco era chamado pelos colonizadores de assimilado. Por isso, esses conseguiam ultrapassar a “condição de indígena” e aproximar-se da ideia do que era ser “civilizado” para o branco, logo, nessa condição, os negros teriam que “aprender” a falar corretamente a língua portuguesa, adquirir hábitos e comportamentos

4CARVALHO, Paulo de. Angola: Estrutura Social da Sociedade Colonial. *Revista Angolana de Sociologia* [Online], 7 | 2011, post online no dia 12 outubro 2016. Disponível em <<<http://journals.openedition.org/ras/1185> ; DOI : 10.4000/ras.1185>> . Último acesso em novembro de 2018.

considerados educados para receber um bom salário – poucos aceitavam essas imposições do colonizador.

Em 1975, mesmo com o término do regime colonial, não aconteceu de imediato o encerramento do colonialismo. Angola teria que lidar com as heranças coloniais e levantar uma nação em que o passado causa um peso social, econômico e político.

A literatura, nesse momento, aparece como uma influência e, para aqueles que tinham acesso à língua portuguesa, uma forma de expressar as vivências, a política e a cultura do país, como podemos ver nas obras Agostinho Neto (1922-1979), primeiro presidente da República de Angola; de Pepetela (1941) representante do MPLA e um dos fundadores do Centro de Estudos Angolanos; de Isabel Ferreira (1958); de José Eduardo Sagual (1960); de Alda Lara (1930); de Ana Paula Tavares (1952); de Ondjaki (1977) e tantos outros.

Ruy Duarte de Carvalho em 1983⁵ adotou a nacionalidade angolana. A condição nacional do escritor diante da conjuntura social do país é um tema recorrente em suas obras, podemos vê-la reproduzida em seus trabalhos cinematográficos e literários, adotando uma postura crítica, por meio da escrita e da viagem como instrumentos para buscar significações para a Angola pós-colonial e, ao mesmo tempo, entender a sua própria situação naquele país. Nesse sentido, podemos ler a viagem como necessidade ou mesmo recurso que fundamenta o autor na sua busca para conhecer a realidade brasileira, pensar na realidade angolana e refletir sobre o outro, sobre a paisagem e sobre si mesmo.

1.3 “Um escritor entre seus personagens”⁶

*Vou ter que contar-me, tratar-me, pois,
enquanto personagem dessa história.*

Ruy Duarte de Carvalho (2007)

Tânia Macedo (2008) em seu ensaio “A presença da literatura brasileira na formação dos sistemas literários dos países africanos de língua portuguesa” aponta que um sistema literário autônomo nos países africanos colonizados significaria “não apenas uma maneira própria de

5 Jornal Expresso. Morreu escritor Ruy Duarte de Carvalho, 12 de agosto de 2010. Disponível em <<http://expresso.sapo.pt/sociedade/morreu-o-escritor-ruy-duarte-de-carvalho=f598803#gs.=k1rM9E>>. Último acesso em novembro de 2018.

6 Tomo empréstimo o título da matéria “Com o vaqueiro Guimarães Rosa: um escritor entre seus personagens”, publicada na revista *O Cruzeiro*, no dia 21 de junho de 1952 cuja reportagem focaliza o caminho percorrido por Guimarães Rosa um grupo de boiadeiros, no interior de Minas Gerais.

representação de si e do outro, a negação dos modelos tecno-formais da literatura da metrópole mas, principalmente, a negação do domínio colonial” (p. 126). Por isso, o chamado “nacionalismo africano”, de acordo com a teórica, era uma resposta às diversas demandas impostas pelo colonialismo, como “subjugação política, a brutal exploração econômica, o desprezo das culturas autóctones africanas, o menosprezo às formas próprias de crenças e valores tradicionais” (p. 136). Dessa forma, o nacionalismo africano buscava “elaborar respostas aos obstáculos colocados pelo colonialismo e erigir dos escombros desse mundo colonial cindido os edifícios das novas nações africanas e suas literaturas” (p. 136).

Outro aspecto relevante informado por Tânia Macedo (2008) é que o processo literário nesses países colonizados não foi um processo natural, mas sim o desejo e a ação dos escritores de constituir uma literatura que os expressasse. E, ao citar Glissant (1981), Macedo (2008) afirma que a literatura nacional era uma urgência “para cada um nomear-se diante do mundo, isto é, está necessidade de não desaparecer da cena do mundo” (GLISSANT, *apud* MACEDO, 2008, p.136-137).

Macedo (2008) ressalta que a literatura nacional ganhou força em Angola a partir Movimento dos Novos Intelectuais de Angola no final dos anos de 1940, que tinha como lema “Vamos descobrir Angola!”. Esse movimento propunha uma redescoberta do país visando uma produção para o próprio povo angolano e “para os jovens do movimento que iria definir os rumos da literatura angolana, a leitura dos autores do modernismo brasileiro abriu caminhos, apresentando propostas estéticas e questões que eles próprios se colocavam” (p. 139). A partir de então o diálogo estabelecido com a literatura brasileira intensificou-se e o modernismo brasileiro que trazia “um caráter de ruptura em 1922 mas, principalmente, o projeto ideológico de 1930, apresentava, para os angolanos, as credenciais fundamentais para o diálogo” (p. 139). Dessa forma, a ideia de ruptura promovida pelo modernismo brasileiro, construiu nos escritores angolanos a necessidade de romper com os modelos metropolitanos e “a procura de formas da oralidade popular, ou melhor dizendo, integração da voz do povo iletrado na *letra* dos textos produzidos” (p. 139-140 grifos da autora), portanto uma busca pelas raízes e por uma expressão singular de Angola.

Esse diálogo literário – e também histórico – entre Angola e Brasil é retomado por Carvalho (2010) logo na epígrafe de *Desmedida* com a seguinte frase isolada “estamos é juntos, no vaivém das balsas” (p. 9). Uma frase pequena, mas que induz para as discussões que o livro propõe.

Em *Desmedida* há um narrador não identificado que retrata em suas crônicas uma viagem ao Brasil e, também, uma antiga admiração pelos autores e sertões brasileiros fontes de inspiração para conhecer de perto “um ponto do mapa do Brasil (...) onde os estados de Goiás, de Minas Gerais e da Bahia se encontram” (CARVALHO, 2010, p.19-20).

Nas primeiras páginas de *Desmedida*, o leitor é convidado a encontrar-se não apenas com o narrador-cronista e a sua presença no Brasil, mas também com um itinerário geográfico e literário permeado de reflexões e releituras sobre encontros e convergências entre Angola e Brasil, principalmente entre as margens do Rio São Francisco.

(...) é lá que se passa muita ação do *Grande Sertão Veredas*... e depois descer para o alto São Francisco, que é o resto das paisagens de Guimarães Rosa... e ao baixo São Francisco, podendo, ia também... porque encosta aos Sertões euclidianos... sou estrangeiro aqui e nada me impede de incorrer no anacronismo de querer ir ver de perto, Guimarães Rosa e Euclides da Cunha (CARVALHO, 2010, p. 19-20 grifo do autor).

As paisagens literárias dos sertões são primordiais para a viagem do cronista em *Desmedida* e, além disso, quatro escritores têm espaço especial na obra para a construção do itinerário do viajante: Guimarães Rosa (1908-1967), Euclides da Cunha (1866-1909), Richard Francis Burton (1821-1890) e Blaise Cendrars (1887-1961).

O percurso inicia em São Paulo, cidade por onde viveram alguns dos principais modernistas do século XX, em seguida ele segue para o alto São Francisco, paisagens de Guimarães Rosa em *Grande Sertão Veredas* e depois o cronista parte para o baixo São Francisco, paisagem de Euclides da Cunha em *Os Sertões*. A viagem acerca do modernismo brasileiro, seus autores e as vivências por São Paulo ficam acompanhadas pelas leituras a respeito franco-suíço Blaise Cendrars. Já as trajetórias pelo rio São Francisco, delineadas por histórias do explorador Richard Francis Burton.

Blaise Cendrars foi um escritor de vida itinerante. Visitou o Brasil no início do século XX, auge do movimento literário modernista. Nesse meio tempo, desde sua primeira visita ao Brasil, em 1924, teve contato com o escritor Oswald de Andrade e a artista plástica Tarsila do Amaral. Após essa primeira visita, Cendrars retornou ao Brasil em 1926 e novamente em 1927. Sobre sua viagem ao Brasil, Cendrars escreveu *Feuilles de Route*, um itinerário lírico sobre sua estada no Brasil, ilustrado por Tarsila do Amaral.

Em *Desmedida*, as referências a Cendrars são muito recorrentes. O cronista escreve a respeito da presença do franco-suíço no Brasil, sobre a relação que ele construiu com outros artistas do modernismo, por exemplo, com Paulo Prado “[...] na livraria Americana do Quai des Grands-Augustins, Cendrars deu encontro com o intelectual brasileiro Paulo Prado, figura proeminente da sociedade paulista” (CARVALHO, 2010, p. 22) e sobre algumas de suas produções durante e após a viagem. E ainda atesta

Cendrars permaneceu então aqui durante alguns meses, no ano de 1924. Fez conferências em São Paulo e andou com Oswald de Andrade, Mário de Andrade e Tarsila do Amaral pelas cidades do ouro de Minas Gerais durante a semana santa. Haveria de voltar pelo menos mais duas vezes ao Brasil, em 26 e em 27-28, para passar, sempre que podia, os carnavais no Rio. Apaixonou-se por este país a ponto de proclamar, sempre que podia, que esta era a sua Utopilândia, a sua segunda pátria espiritual [...] E tanto a sua vida como a sua obra acabaram por mudar de rumo depois de ter aqui estado. Chegou como aspirante a cineasta derrotado e deprimido, voltou meses depois à França para escrever, em poucas semanas para escrever, em poucas semanas, *L'or*; um romance gênero que nunca tinha praticado e lhe garantiu de imediato um novo e retumbante sucesso. (CARVALHO, 2010, p. 24).

Dessa forma, podemos perceber que esse é um itinerário de viagem que foi sendo construído ao longo da vida do cronista. Em suas leituras, na busca do entendimento de si e de Angola, o encontro com o Brasil foi quase inevitável e suas experiências literárias foram o impulso inicial para que a imagem do Brasil começasse a ser construída, como podemos ver abaixo:

O que sabia de Burton, ou guardava sobretudo do que já tinha lido dele e sobre ele, era o que o situava ou explicava na África (situava mesmo a quem, a Burton ou a mim?). Mas agora aqui, e sabendo mais alguma coisa acerca dele, como prosseguir viagem sem tentar dar uma arrumada higiênica aos muitos filmes que me atravessam a cabeça como o próprio, nalguns deles, a desempenhar o papel de protagonista? (CARVALHO, 2010, p. 150)

Percebe-se que a presença de outros escritores é constante no texto de Carvalho (2010). Por isso, o autor ao escrever sobre o outro, sempre encontra algum ponto para comentar ou relacionar consigo e suas próprias experiências, ou seja, a fala que seria sobre o outro, transforma-se em uma escrita de si.

A escrita de si é um trajeto para o autoconhecimento, uma forma de expressar a subjetividade e, para Foucault (1992) em “A escrita de si”, a escrita aparece constantemente relacionada à meditação, exercendo, dessa maneira, uma forma de pensar sobre si mesmo, caracterizando uma ação transformadora (1992, p.133). Assim, a escrita, para o filósofo, constitui um processo da formação de um saber ligado ao desenvolvimento espiritual. Portanto, é

necessário ver os discursos como algo que conduz a ação humana, analisando-os como uma faceta de transformação social e (re)criação de si.

Dessa forma, o cronista, ao relacionar suas experiências literárias e sua escrita, recria a si mesmo. No entanto, essa não é uma recriação voltada apenas para a diversidade de identidades, mas, sim, caracterizada pela construção de valores que se baseiam na alteridade, ou seja, o texto não se constrói unicamente a partir de um “eu”, mas por meio de um “nós”, um conjunto de escritores lidos no passado do cronista que aos poucos foram construindo o seu ideal de viagem.

Foucault (1992), ao retomar as “artes da existência” dos antigos gregos e romanos em seu ensaio “A escrita de si”, apresenta-nos, como umas das técnicas de escrita de si, os *hypomnemata* – um sistema fragmentado de livros de anotações, contabilidade, registros diários, constituídos por “uma memória material das coisas lidas, ouvidas ou pensadas” (p. 135). Porém, afirma o filósofo, que o *hypomnemata* não pode apenas ser visto como um caderno de anotação e sim como um material para o exercício frequente da leitura, da releitura, da meditação, a sós ou com outros (p. 136). E, além disso, os *hypomnemata* “formavam também uma matéria prima (...) para superar alguma circunstância difícil” tais como um luto, um exílio. (FOUCAULT, 1992, p. 136).

Percebe-se que o cronista de *Desmedida* lê, relê e reflete, algo que é muito próximo ao conceito de *hypomnemata*, e a escrita vem como uma estratégia para reorganizar pensamentos e como exercício de compreensão de si mesmo e de seu posicionamento no mundo.

Um livro a insinuar-se? E por que não? Um livro mais de “viagem”, mas que também não fosse um desses registros para literários de errâncias e de evasões a puxar para o sério e para a autoajuda. Que remetesse para os domínios em que me movo mas admitisse derivas (...). A ver, a olhar e a ler da maneira como me cabe e se me impõe, sem deixar de garantir espaço à condição pessoal de órfão parricida de impérios (...). (CARVALHO, 2010, p. 54)

O narrador demonstra que um de seus objetivos é escrever sobre a viagem, mas também pede licença para suas derivas e reflexões a partir de seu posicionamento como angolano. Assim, o sujeito de *Desmedida*, em um exercício semelhante aos que escreviam seus *hypomnematas*, abre o espaço para o diálogo e reflexões com outros textos de outros autores ou personagens: “na cena do *Grande sertão*: veredas aparecem representadas meia dúzia de figuras que podem

me ajudar a entender um São Francisco assim, rosiano, pelo qual viajo e me viajo, para não dizer vigio” (CARVALHO, 2010, p. 136).

A leitura e a escrita são, durante a viagem ao Brasil e sua estada em Luanda, territórios que o cronista avança e regressa, esse é um exercício de reflexão, meditação, composição e recomposição de olhares sobre Brasil, Angola e sobre si mesmo.

A escrita e a viagem são formas de pensar, refletir acerca de seu conhecimento, de sua leitura, dos territórios onde morou e dos lugares que visita. O cronista, em sua escrita, ou em sua viagem, confecciona o texto e a si mesmo por intermédio de tudo aquilo que leu e vivenciou.

Por isso, o texto do cronista procura “captar o já dito; reunir aquilo que se pôde ouvir ou ler, e isto com uma finalidade que não é nada menos que a constituição de si” (FOUCAULT, 1992, p. 137). Dessa forma, *Desmedida* é uma forma de, junto com outros autores a viajantes, repensar-se ou, como o próprio cronista afirma, essa viagem o levaria mais longe, à procura da terceira margem de si mesmo. (CARVALHO 2010, p. 54).

Outra personalidade muito importante para o cronista de *Desmedida* é o inglês Richard Francis Burton. Em *Desmedida* o viajante nos conta: “de qualquer maneira é graças ao meu interesse pela carreira de Burton na África que ainda sei alguma coisa dele...” (CARVALHO, 2010, p. 38).

O cronista faz um breve levantamento sobre Burton e narra parte da passagem do britânico pelo Brasil e, como afirma Rita Chaves, o viajante de *Desmedida* se juntará a Richard Francis Burton “outro viajante ilustre que andou a percorrer o interior do Brasil e deixou tanto material escrito sobre os itinerários que fez” (2006, p.285).

1.4 O rio, o velho Chico

O vocábulo “desmedida” é aquilo que excede as medidas e o que é a obra de Ruy Duarte de Carvalho senão um trabalho que excede as fronteiras sociais, políticas e literárias entre Brasil e Angola? O cronista, no decorrer de suas reflexões, refaz caminhos, enlaces e trajetórias que ligam ambos os países por fios imaginários, mostrando que não existiria Angola sem Brasil e

nem Brasil sem Angola, sendo esses países interdependentes para o que temos e vivemos de cultura atualmente.

Ao caminharmos para o sumário de *Desmedida*, encontramos duas divisões: primeira e segunda metade. Na “Primeira metade”, temos três capítulos. O primeiro, “Cendrars”, que focaliza São Paulo; o segundo, “Paisagens” e o terceiro, “Burton’s”, grande parte desses capítulos se passam nas cidades às margens do Rio São Francisco. A “Segunda metade” também é dividida em três capítulos, sendo o primeiro “Independências”, o segundo, “Uma curva pela mão esquerda” e o terceiro, “Os agrestes nordestes”.

É importante observar que dois capítulos receberam o nome de viajantes “Cendrars” e “Burton’s”. O cronista de *Desmedida* trilha um caminho semelhante ao de Cendrars e Richard Francis Burton em sua viagem, pois, além de buscar as mesmas paisagens, procura nelas um pouco de si, um pouco de Angola em diferentes tempos.

(...) vou eu também extrair algumas notas e preservar lembranças. Mas é na mesma, para mim, e como não podia deixar de ser, um rio muito dito pelas crônicas de quem o consignou pela primeira vez em escritas, pelas páginas impressas que o situam e colocam nas tramas da geografia e da história e da história do Brasil, pelos testemunhos de quem o explorou explorando nele mais isto ou mais aquilo, pelas exaltações de quem o demandou e procurou traduzi-lo em expressão pessoal que lhe captasse também uma expressão que fosse a dele, do São Francisco, e ao mesmo tempo a expressão de gerações sucessivas de gente a habitá-lo e a vivê-lo como o rio a circular-lhes pelas vias, pelas torrentes das memórias, culturais e genéticas. Trago comigo a carga e o poder evocativo daquilo que, ao longo da vida, fui retendo sobre as categorias rio, grande rio navegável, presentes em quadros de ideias muito diferentes nos mundos dos homens e pelos tempos afora. (CARVALHO, 2010, p. 86-87)

O rio São Francisco foi e ainda é um rio de grande importância para o Brasil. No século XIX o rio tinha sua relevância, principalmente, para o ramo de transportes. Nessa época, o nível de produção estava aumentando em razão da substituição do trabalho artesanal pelo trabalho operário assalariado e pelo uso de máquinas, assim, as demandas por matéria prima também ampliaram e, por consequência, a busca por novos mercados.

Dessa forma, o mercado estava em expansão e o investimento em estradas de ferro e navegação desenvolvendo-se, colocando em contato diversos povos do planeta. E, nesse caso,

de acordo com Gabriel Pereira de Oliveira⁷, o Brasil era um país favorecido em relação aos leitos fluviais, pois criava “possíveis vias de comunicação entre centros interioranos e portos escoadores do litoral”¹ (p. 23), pois “percebidos como caminhos supostamente já prontos e de baixo custo, tais cursos d’água apresentavam-se como excelentes instrumentos à expansão do capital industrial” (OLIVEIRA, 2015, p. 23). E devido a sua importância, desde o século XIX, vigora a discussão sobre a sua transposição, tanto que naquela época já havia planejamentos do império envolvendo o trajeto dos canais de água⁸. E diante de seu valor geográfico e comercial muitos exploradores viajaram, fizeram pesquisas e andaram pelo rio São Francisco.

O rio é fluido, móvel, adaptável. “O rio é livre em sua trajetória. Desvia-se irreverentemente dos pequenos obstáculos e constrói a imagem de uma planície plena. Somente ao fundo, muito à distância percebe-se o limite de sua planície” (HISSA, 2002, p. 22). O rio tem seu curso até desaguar, não há fronteiras que impeçam suas águas de seguirem ou limitem o seu espaço, seja por meio da profundidade ou pela extensão; a água segue seu fluxo em liberdade adaptando-se entre as curvas, as pedras, entre as travessias, porém também pode, às vezes, quando encontra obstáculos destrói, derruba, o seu curso é traçado ao longo dos anos com muita luta e esforço da água que é forte e força o caminho. O rio é um devir, o Rio São Francisco, especialmente, um devir de histórias, passagens e estórias. Ao encontrar-se com o rio São Francisco, o cronista de *Desmedida* depara-se com suas margens, duas opções, dois lados. O contexto dessa rota lembra-nos “A terceira margem do rio” de João Guimarães Rosa (1988). Nessa narrativa de Rosa (1988) temos um pai que pega uma canoa e segue para o meio de um rio e lá permanece. Nesse conto, o filho narra suas angústias, sem dar explicações e vivendo em condições difíceis no pequeno espaço, no meio do rio. Diante dessa circunstância, o filho mantém-se estático, não segue sua vida assim como os outros familiares fizeram, mas também não segue o pai. O espaço que o filho ocupa é uma margem.

7 OLIVEIRA, Gabriel Pereira de. O rio e o caminho natural: propostas de canais do São Francisco, aspectos físicos fluviais e dinâmicas políticas no Brasil Império. Belo Horizonte, UFMG, 2015. Disponível em <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUBD-9XHH6L/oliveira_gabriel_pereira_de_o_rio_e_o_caminho_natural_disserta_o.pdf?sequence=1>>. Último acesso em novembro de 2018.

8 WESTIN, Ricardo. Senado do Império estudou transposição do Rio São Francisco. Senado notícias, arquivos. Disponível em <<<https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/senado-do-imperio-estudou-transposicao-do-rio-sao-francisco>>> . Último acesso em novembro de 2018.

Porém, nas últimas linhas do conto de Guimarães Rosa, o filho deixa um pedido “no artigo da morte, peguem em mim, e me depositem também numa canoinha de nada, nessa água que não pára, de longas beiras: e, eu, rio abaixo, rio afora, rio a dentro – o rio.” (ROSA, 1988, p. 37) Nesse momento, o filho percebe que apenas no rio encontrará a paz para a culpa e o medo que sentiu por não seguir o pai. O rio, portanto, torna-se o espaço que o filho tem, em seu último gesto, de seguir os mesmos passos do pai.

“A terceira margem” é fundamental para dialogar com a obra de Ruy Duarte, pois, por vezes, em *Desmedida* sentimos o texto de Guimarães Rosa fluir junto ao texto de Ruy Duarte de Carvalho. A ligação Ruy Duarte, Guimarães Rosa, Rio São Francisco e o Sertão fornece ao leitor a possibilidade reconhecer o cronista, suas leituras e seus caminhos.

Em cada trecho do São Francisco haverá caboclos e mães-d’água, minhocões e romãozinhos tão interconvenientes no que se vai desenrolando como cada um de carne e osso, e ainda agora como terá sido desde sempre, só que talvez dito de outra maneira ou confundido com outras maneiras de dizer que aludam a outras intervenções e invoquem outros amparos mais afins às catequeses e aos proselitismos das igrejas do momento. Tudo inscrito num mundo bastante e completo à escola das dimensões do lugar, geográficas e fluviais ou rodoviárias, quantificáveis para quem as mede ou visita em viagem, incomensuráveis de profundidade, implicações e experiência, e consciências, para quem o habita – e o inventa, mesmo a dormir – e vive. Assim dessa maneira, talvez, é que João Guimarães Rosa o invoca quando diz que ama os rios porque são profundos e eternos e gostaria de ser um jacaré vivendo numa curva qualquer do rio São Francisco. O jacaré, segundo ele, vem ao mundo como um magíster da metafísica. Para ele, o seu lugar no rio é um oceano, um mar de sabedoria. (CARVALHO, 2010, p. 88 - 89)

No trecho acima, há um diálogo com uma entrevista que Guimarães Rosa deu em janeiro de 1965 para Günter Lorenz. O tradutor da obra de Rosa o questiona e pede que apresente sua vida em datas. Rosa responde:

Que nasci no ano de 1908, você já sabe. Você não deveria me pedir mais dados numéricos. Minha biografia, sobretudo minha biografia literária, não deveria ser crucificada em anos. As aventuras não têm tempo, não têm princípio nem fim. E meus livros são aventuras; para mim, são minha maior aventura. Escrevendo, descubro sempre um novo pedaço de infinito. Vivo no infinito; o momento não conta. Vou lhe revelar um segredo: creio já ter vivido uma vez. Nesta vida, também fui brasileiro e me chamava João Guimarães Rosa. Quando escrevo, repito o que vivi antes. E para estas duas vidas um léxico apenas não me é suficiente. Em outras palavras: *gostaria de ser um crocodilo vivendo no rio São Francisco. O crocodilo vem ao mundo como um magíster da metafísica, pois para ele cada rio é um oceano, um mar da sabedoria, mesmo que chegue a ter cem anos de idade. Gostaria de*

*ser um crocodilo, porque amo os grandes rios, pois são profundos como a alma do homem. Na superfície são muito vivazes e claros, mas nas profundezas são tranqüilos e escuros como os sofrimentos dos homens. Amo ainda mais uma coisa de nossos grandes rios: sua eternidade. Sim, rio é uma palavra mágica para conjugar eternidade.*⁹ (grifo meu)

O rio sendo o local da viagem, da experiência, das fantasias, da sabedoria, das histórias. Essa é uma oportunidade para o cronista de *Desmedida* conhecer-se. Vir ao Brasil, pode ser considerada a metáfora de entrar em uma canoa e seguir viagem pelo rio, é não optar por uma margem ou outra e, sim, estar, por opção, no entre-lugar.

⁹LORENZ, Günter W. Diálogo com Guimarães Rosa. In: COUTINHO, Eduardo F. (org.). *Guimarães Rosa*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. p. 62-97.

Capítulo 2 – A viagem pós-colonial

Um homem não deixa nunca sem mágoa um espaço que inventou e o inventou, uma nação que urdiu para si por escolha e amor ao chão.

Ruy Duarte de Carvalho

2.1 Do colonial à leitura pós-colonial

A escrita das crônicas de viagem foi uma prática muito presente na construção histórica da imagem do Brasil para os estrangeiros, pois essas crônicas são capazes de promover um diálogo com o leitor, permitir a expressão da subjetividade do cronista e buscar, no cotidiano, dizer e discutir aspectos que podem recriar o próprio cotidiano pelas impressões pessoais do cronista e de seu imaginário.

O “narrador-viajante-cronista” de *Desmedida* busca em sua escrita o entendimento de si próprio, vendo-se como um outro em um espaço, no Brasil, que eleger como terceira margem. O sujeito de *Desmedida*, ao vir para o Brasil, faz-se um Caminha às avessas, confrontando-se com o passado colonial e pós-colonial, desconstruindo as supostas distâncias e diferenças entre Brasil e Angola.

Brasil e Angola foram países colonizados por Portugal, mas apesar das diferenças históricas, esses países carregam consigo marcas coloniais que podemos encontrar na cultura, na sociedade, nas cores e nas paisagens. Ania Loomba (2005), autora de *Colonialism/Postcolonialism*, mostra-nos que a palavra colônia tem origem nas colônias romanas e referem-se aos romanos que se estabeleceram em outras terras, porém mantiveram suas cidadanias. Para a autora, mesmo o colonialismo não tendo sido igual em todas as partes do mundo, ainda assim foi capaz de gerar relações complexas e traumáticas na história humana, pois é a tomada de bens e terras de outros povos por violência ou força bruta.

Em alguns países africanos como em Angola e Moçambique, por exemplo, o período colonial foi um tempo de dessubjetivação de parte dos angolanos havendo, assim, como afirma Loomba (2005), o domínio e o controle de terras e bens pessoais.

Loomba (2005) também disserta sobre o imperialismo e como é importante saber diferenciá-lo do colonialismo. Para a autora o imperialismo está relacionado ao domínio, à dominação imperial que acontece nas colônias e, como consequência, temos o colonialismo ou o neocolonialismo. Assim, o país imperial é a “metrópole” de onde se origina o poder, e a colônia ou a neocolônia são os países controlados. Loomba (2005) lembra-nos que o imperialismo pode funcionar sem as colônias formais - como nos Estados Unidos -, mas o colonialismo não pode existir sem suas colônias. Portanto, para a teórica, o imperialismo é mais avançado do que o colonialismo, pois visa construir um sistema que levante uma relação de dependência tão eficaz que não requer a formalização de um espaço colonial.

Já para Hall (2003) a colonização é algo “mais que do que um domínio direto de certas regiões do mundo pelas potências imperialistas” (p. 112). Para o teórico “colonização é o processo inteiro de expansão, exploração, conquista, colonização e hegemonia imperial” (p.112).

Para Edward Said (2011) o imperialismo sobrevive até os dias de hoje “numa espécie de esfera cultural geral, bem como em determinadas práticas políticas, ideológicas, econômicas e sociais” (p. 31). O autor acrescenta que tanto o imperialismo quanto o colonialismo são influenciados por “potentes formações ideológicas que incluem a noção de que certos territórios e povos imploram pela dominação” (p. 31). Para exemplificar, Said (2011) aponta que o vocabulário da cultura imperial oitocentista clássica tem muitos conceitos como “raças servis”, “inferiores”, “povos subordinados”, “dependência”, “expansão” ou “autoridade” (p.31). Esse vocabulário sempre diminui o outro, coloca-o em um lugar inferior, como afirmou Loomba (2005), e traz suas consequências sociais até nos dias de hoje.

Para Homi Bhabha (1998) a colonização foi um processo em que, por meio de um discurso colonial específico, uma nação se apropria e governa os diversos campos de atividade de outra nação que passa a ser construída como objeto. E o autor também afirmou em “A questão do outro” (1992) que o discurso colonial tem como objetivo concentrar-se em construir o colonizado como “população de tipo degenerado, tendo como base uma origem racial para justificar a conquista e estabelecer sistemas administrativos e culturais” (p. 184). Da mesma forma, Sérgio Costa (2006), em *Dois Atlânticos: teoria social, anti-racismo, cosmopolitismo*, afirma que o colonial “alude a situações de opressão diversas, sejam elas definidas a partir de fronteira de gênero, étnicas ou raciais (p.84).

Loomba (1998) ressalta que tanto a metrópole quanto a colônia foram profundamente modificadas com o regime colonial. Ambos passaram por um processo de reestruturação após a descolonização. Mas isso não significa que todos os locais são pós-coloniais da mesma maneira. O colonialismo não pode ser pensado de forma homogênea, logo, questões que envolvem fatores econômicos, sociais, culturais e históricos fazem com que esse domínio funcione de forma bem diferente em variadas partes do mundo.

O Brasil tornou-se um país independente no século XIX, porém as marcas da colonização ainda permanecem. E, ainda colônia, Angola continuou a ser um local explorado. Muitas das heranças coloniais ainda fazem parte da história desses que tiveram a sua estrutura modificada. Além da população que passou por regimes escravistas e dominantes os quais os afetaram e afetam culturalmente, socialmente e economicamente.

De acordo com Hall (2003), desde que foi criado, o termo pós-colonial tem gerado muitas discussões em torno do prefixo “pós”. Muitos autores têm sugerido conceitos mais adequados. Por exemplo, para Stuart Hall (2003) o termo pós-colonial pode ter diferentes aplicações e valores conceituais diversos, pois o pós-colonial “marca a passagem de uma configuração ou conjuntura histórica de poder para outra” (p. 56), ou seja, há uma transformação no campo discursivo e as relações hierárquicas são adquirem novos significados e, mesmo que os problemas de subdesenvolvimento e marginalização persistam no período pós-colonial, eles admitem uma nova configuração, pois essas relações são “deslocadas e reencenadas como lutas e forças sociais nativas, como contradições internas e fontes de desestabilização no interior da sociedade descolonizada, ou entre ela e o sistema global como um todo” (HALL, 2003, p. 56).

Hall (2003) também alerta sobre as diferentes empregos do termo, exemplificando que essa expressão não pode ser aplicada igualmente à Austrália ou à Índia (p. 106). Por isso, não poderíamos generalizá-la adotando o mesmo sentido para Angola ou para Brasil. Ruy Duarte de Carvalho (2010), inclusive, não iguala Angola e Brasil em *Desmedida*, mas aproxima os países afirmando que somos todos frutos de um mesmo produto colonial.

Outro fator mencionado por Hall (2003) é a leitura pós-colonial ou a marca distintiva de uma periodização pós-colonial que desloca a história da modernidade capitalista do centro-europeu para as “periferias” do mundo (p. 113). É por isso, acredita Hall, que o pós-colonial tem

conseguido sintonizar-se com questões como a do hibridismo, sincretismo ou a indecidibilidade cultural (p. 114).

Loomba (1998) afirma que o discurso pós-colonial é uma nova maneira de refletir sobre a interação de processos culturais, intelectuais, econômicos ou políticos na formação, perpetuação e o desmantelamento do colonialismo, ampliando o campo de estudos e examinando a intercessão de ideias e instituições de conhecimento e poder. (p. 50-51)

Da mesma forma Homi Bhabha (1998) afirma que a crítica pós-colonial é o testemunho colonial do terceiro mundo e das “minorias”, pois intervém no discurso da modernidade que tenta normalizar a hegemonia do desenvolvimento irregular das diferentes nações, “raças”, comunidades e povos. O teórico também afirma que as perspectivas pós-coloniais levantam revisões críticas sobre questões como diferença cultural e discriminação política (p. 241). É a partir dessa perspectiva revisionista, que encontramos no contexto de *Desmedida* um encontro para discutir, por meio das crônicas, questões culturais e sociais entre Angola e Brasil, as quais se estendem para a própria identidade de Ruy Duarte de Carvalho.

2.2 O desejo da viagem

*Digo: o real não está na saída nem na
chegada: ele se dispõe para a gente é no meio
da travessia*

João Guimarães Rosa

O viajante em geral, em seu trajeto, tem a oportunidade de conhecer e vivenciar novas formas de pensar, falar, vestir. O viajante é um aprendiz em movimento e se permite descobertas. Por isso, suas narrativas, quando compartilhadas com leitores, possibilitam a quem lê, descobrir, observar e recriar as imagens da narrativa de viagem.

Em *As cidades invisíveis* de Ítalo Calvino (2003) são narradas as conversas entre viajante veneziano Marco Polo e o imperador tártaro Kubai Klan. As cidades nessa obra são tratadas como uma invenção, imaginação e, principalmente, como metáforas da experiência humana. Os títulos dos capítulos são compostos de temas como memória ou desejo. O que merece ser destacado nesse aspecto é que esse livro permite pensarmos a respeito da influência do sentimento, da afeição sobre a viagem.

O veneziano enxergava na viagem a possibilidade de conhecimento, ou seja, quanto mais ele se distanciava da cidade onde nasceu ou das cidades que havia visitado no passado, mais ele conhecia; como podemos ver Polo explicando para Kublai Klan em um momento de meditação entre os dois personagens:

quanto mais se perdia em bairros desconhecidos de cidades distantes, melhor compreendia as outras cidades que havia atravessado para chegar até lá, e reconstituía as etapas de suas viagens, e aprendia a conhecer o porto de onde havia zarpado, e os lugares familiares de sua juventude, e os arredores de casa, e uma pracinha de Veneza em que corria quando era criança. (CALVINO, 2003, p. 14)

A conversa entre Marco Polo e o imperador traz uma reflexão que inspira muitos viajantes a constituírem seus itinerários: o conhecimento e a releitura do passado, a possibilidade de ser um aprendiz em movimento, de reconstruir sua forma de ler o mundo.

O imperador imaginava que questionava Polo e Polo imaginava que o imperador lhe perguntava. Ambos em estado meditativo, em silêncio, contemplando “você avança com a cabeça voltada para trás? (...) A sua viagem só se dá no passado?”, questiona Klan a Marco Polo (CALVINO, 2003, p. 14). E conclui:

Tudo isso para que Marco Polo (...) finalmente conseguir explicar a si mesmo que aquilo que ele procurava estava diante de si, e, mesmo que se tratasse do passado, era um passado que mudava à medida que ele prosseguia a sua viagem, porque o passado do viajante muda de acordo com o itinerário realizado, não o passado recente ao qual cada dia que passa acrescenta um dia, mas um passado que não lembrava existir: a surpresa daquilo que você deixou de ser ou deixou de possuir revela-se nos lugares estranhos, não nos conhecidos. (CALVINO, 2003, p.14).

Para o itinerante cada cidade é uma surpresa não pelo conhecimento adquirido no presente, mas pela possibilidade de revisitar o passado, de entender como essa nova visão pode motivar uma possível lembrança. Sendo assim, a linha do tempo entre o passado e o presente se encontra e se refaz constantemente. É assim que podemos ir ao encontro do questionamento levantado por Eclea Bosi “*o que percebo em mim quando vejo as imagens do presente ou evoco as do passado?*” (BOSI, 1987, p. 6. Grifo da autora). A viagem é um refazimento de reflexões, o lugar visitado não será o mesmo para os diferentes viajantes, cada um trará uma leitura, evocará uma lembrança, uma memória, uma reflexão e retornará com um olhar

diferente sobre o passado. Como é o caso de Ruy Duarte de Carvalho (2010) ao situar-se em um hotel em Três Marias, pois as paisagens trazem-lhe a lembrança das paisagens de Namíbia, África do Sul e Cidade do Cabo.

Acordo das travessias que fiz pelas paisagens de Guimarães Rosa num hotel em que as instalações ocupo, metade de um bangalô que com a sua outra metade, independente e com um número diferente na porta, constitui uma das para aí vinte ou trinta casinhas dispostas em semicírculo num vasto parque com tudo o que um hotel destes deve garantir de salutar, despojado e vigoroso conforto, e em tudo semelhante a centenas deles que há pela África turística e cinegética afora, inclusive um cercado com emas, que são parentes de avestruzes e há que não dê diferença. Não fossem os buritizais que vejo de uma das janelas, numa vereda a que este espaço encosta, crer-me-ia em plena Namíbia ou na África do Sul, e vou ter dificuldade, desde que fumo o primeiro cigarro e pela manhã afora, em sacudir questões que eram as que trazia comigo quando cheguei ao Brasil. Estive na Cidade do Cabo pouco antes de ter rumado para aqui, e saí de lá com uma mão cheia de coisas novas a decifrar. (CARVALHO, 2010, p. 147)

Essa é uma passagem presente do capítulo “Três Marias” (CARVALHO, 2010, p. 147). Três Marias é um município em Minas Gerais que tem como o principal rio o São Francisco. O narrador, no lugar onde está hospedado, além de se lembrar da África turística, Namíbia e África do Sul, recorda-se, também, de questionamentos antigos que trazia consigo antes de vir para o Brasil, quando esteve na cidade do Cabo. As paisagens visitadas em Três Marias evocaram imagens e experiências do passado que apenas o próprio cronista seria capaz de escrevê-las. E, ao perceber as imagens do presente e que evocam as do passado, as reflexões críticas sobre o passado de Brasil e Angola reaparecem:

A cidade do Cabo ter-me-á por outro lado dado a ver, com tanto grupo racialmente configurado, e ainda compartimentado, a fazer o seu melhor para organizar um presente e projetar um futuro em que caibam as raças todas e toda a ordem de cruzamento e interação entre elas, uma complexa manifestação e produção de inédito ou de inusitado social. No Brasil tudo tende para a mistura de raça e de cores que borbulha da prática. Tudo quanto, na África do Sul, possa no entanto remeter a uma possível experiência e plurirracialidade socialmente concebível e politicamente inventável e viável é diferente. Evidente também, na obra desses meus trânsitos, é a circunstância, dada abundante a comprovar *in loco*, de que o Brasil e a África do Sul se encontram ambos, de fato, na crista globalizante produzida pela expansão ocidental ainda e sempre em curso, e que os dois países só teriam vantagem em intensificar toda ordem de relações num âmbito desse eixo sul-sul que finalmente se impõe ao mundo branco que o produziu e agora teme. E que Angola, parceiro privilegiado dos dois pelas vias da vizinhança ou da língua, ou da história e das imperiosas e inarredáveis geopolíticas oceânicas, só teria também vantagem em aperceber-se disso. Coisas que não deixarão de

voltar a ocorrer-me muito frequentemente, mesmo enquanto andar tentando distrair-me por aqui. (CARVALHO, 2010, p. 149)

A partir do lugar no qual se encontra, Ruy Duarte de Carvalho constrói uma reflexão sobre Brasil, África do Sul e Angola. O eixo sul-sul, entre África do Sul e Brasil, para o cronista são produtos do mundo ocidental e Angola encontra-se relacionada com os países também colonizados por Portugal seja pela vizinhança, pela língua ou pela história. A viagem traz essa oportunidade de olhar para trás, reconstruir pensamentos, reflexões, comparações. As lembranças que são motivadas pelo presente, refazem-se e o cronista, além de observar sua visão sobre o Brasil, também revê os olhares de outros estrangeiros sobre o Brasil.

Em *Cultura e imperialismo*, Edward Said (2011), ao descrever as relações do ocidente com suas colônias, tenta compreender como certos pressupostos colonialistas foram disseminados a partir de algumas obras. E, ao dissertar sobre os relatos de viagem, Said (2011), afirma que os autores desses relatos têm como especialidade apresentar o mundo não europeu aos públicos europeu e norte-americano, seja para análise e julgamento, seja para satisfazer o seu gosto pelo exótico (p. 10). Ruy Duarte de Carvalho, quando busca na experiência na viagem, constrói os seus relatos questionando justamente outros viajantes que estiveram no Brasil e em Angola à procura do exótico e do diferente, à procura do que apresentar o mundo não europeu para o seu público. Carvalho, aparentemente, tem o desejo de viver suas leituras e ao mesmo tempo criticar a construção e o olhar estrangeiro sobre os países colonizados.

Mas tanta exploração estrangeira e tanta atenção voltada para o Brasil, por isso é que ando a deter-me no assunto, não pode também ter deixado de acabar por pensar muito na configuração da própria ideia dos brasileiros sobre si mesmos, volto a pensar no hotel de Três Marias. O que esses estrangeiros levavam daqui como matéria-prima informativa para pensar e decidir sobre ela, devolviam-no já depois mastigado, elaborado, fabricado, para que o Brasil passasse a ser visto como eles muito bem o entendiam. Ainda hoje acontece assim pelo mundo todo e vai continuar a acontecer por muito tempo mais... E além disso tem lugares onde os ocidentais não esperam nunca que haja quem pense... Nem ocidentais nem ninguém... Quem manda aí, nesses lugares, mesmo que o poder institucional passou já para as mãos do indígena de lá? Para que pensar?... Prefere mandar vir de fora, também... (CARVALHO, 2010, p. 171)

Para Rita Chaves (2006)

o Brasil, como parte do Novo Mundo, foi terreno bastante visitado por viajantes, cujas impressões estão na base de muitos textos que foram difundindo e confundindo imagens consagradas à representação do país como uma encarnação do paraíso e/ou como uma sucursal do inferno, em movimentos que devem ser vistos no contexto da inserção do território na ordem ocidental. (p. 285)

O cronista traz uma reflexão que demonstra como a herança do colonialismo tem seu efeito, inclusive, atualmente. Durante a exploração nos países colonizados, os estrangeiros levavam materiais para pesquisa e devolviam com as conclusões já prontas e pensadas e, em diálogo com Chaves (2006), percebe-se que o Brasil, por ser um terreno muito visitado, essas impressões foram sendo construídas e difundidas dentro do contexto do olhar ocidental.

Carvalho (2010) mostra para o leitor dois exemplos da construção do ocidental sobre o negro africano. A primeira é quando faz referência à justificativa às especulações sobre uma passagem da Bíblia que identifica os povos negros com os filhos de Cam:

Se embriagou, Noé, e adormeceu, descomposto, dentro da sua tenda. E seu filho Cam o viu assim e falou disso a rir, a Sem e Jafé, seus irmãos mais velhos. Os quais se muniram então de um pano e entraram na tenda às arrecuas para cobrir, sem ofendê-la a nudez do pai. Depois de acordar e de vir a saber como se tinha comportado Cam, seu filho benjamim, Noé amaldiçoou-lhe a descendência: será servidora e escura. É a partir daqui, parece, que as interpretações talmúdicas e as tradições judaicas associam a cor negra à servidão imposta à descendência de Cam. (CARVALHO, 2010. p. 153)

A segunda ideia que Carvalho (2010) traz é sobre Jean Louis Rodolphe Agassiz o precursor da teoria do racismo científico:

Jean Louis Rodolphe Agassiz não vem ao Brasil arrastado ou empurrado por qualquer ânsia de deslumbramento romântico. A sua expedição tem um caráter absolutamente pragmático. Ele vem em busca de constatações que fundamentem uma teoria sua sobre glaciações que, a confirmá-la, assegurariam uma consistência maior e definitiva ao seu lugar pessoal no âmbito do debate de ideias e de ideologias que o darwinismo e o evolucionismo trouxeram para a arena das questões que dominavam o universo dos sábios acadêmicos desse tempo. Agassiz é um caso típico daqueles ocidentais que vêm ao Brasil colher, e quiçá inventar, fundamentações para as suas ideias, teorias e ideologias. (CARVALHO, 2010, p 198)

Para o autor de *Desmedida*, o colonizador subestima o colonizado, ele tem perante os grupos não ocidentais a necessidade de mudá-los, de ensiná-los a ser “civilizados” de acordo com

suas normas, ou seja, uma idealização de algo que prove sua superioridade ou sua missão superior. E, além disso, Carvalho (2010) também enfatiza que “os cientistas como Agassiz, e os desbravadores como Burton, andavam, sobretudo, preocupados em explicar e justificar a vantagem dos brancos.” (CARVALHO, 2010, p. 200). A colonização tinha, portanto, a sua força no discurso excludente, seja ele embasado em textos religiosos usados pelos dominadores como interesse de domínio ou em teorias científicas distorcidas.

Na introdução de *Cultura e Imperialismo*, Said (2011), ao analisar o personagem Holroyd de Conrad da novela *Nostramo*, escrita por Joseph Conrad, percebe que Holroyd, apesar de se apresentar progressista em relação à corrupção do domínio ultramarino, expressa um pensamento imperialista. Para Said “ele escreve como um homem cuja visão ocidental do mundo não ocidental está arraigada a ponto de cegá-lo para outras histórias, outras culturas e outras aspirações” (SAID, 2011, p. 10), por isso, Holroyd Conrad não consegue, como Said (2011) afirma, enxergar o mundo além ocidente como uma possibilidade.

Assim como a obra de Joseph Conrad, apresentada por Said (2011), podemos encontrar outras situações em que o ocidental superioriza-se em relação à cultura não ocidental. O primeiro registro que temos sobre o Brasil é a carta que Pero Vaz de Caminha enviou para Dom Manoel I, rei de Portugal, quando aparcou no Brasil. Também temos os relatos de Hans Staden no século XVI em *Viagem ao Brasil* de 1557. São registros como esse que o cronista traz, que nos faz pensar na herança pós-colonial que os países do sul de África, como Moçambique e Angola, e o Brasil tiveram que lidar e que trazem até hoje reflexos na cultura, economia e sociedade.

2.3 Crônicas e viagem

Podemos observar em *Desmedida* que temos um narrador-leitor-viajante que se constitui por meio da ficção brasileira e de outras narrativas de viagem, por isso, ele se transforma, ao longo da viagem, em um narrador-viajante-cronista.

Essa viagem é um acúmulo de experiências próprias baseadas em outras experiências, em outros textos e em outras crônicas.

Não é que eu tenha Burton em grande conta. Seria difícil. Mas também é verdade que se Burton não tivesse ocorrido nessa estória, talvez jamais tivesse ocorrido também, sequer, a hipótese de uma viagem que tivesse São Francisco em conta e de um livro que não perdesse nunca de vista nem o

lugar de onde eu estava a sair nem o lugar para onde, nem que só de mim para mim, onde quer que estiver, estarei sempre a voltar. (CARVALHO, 2010, p. 150)

Crônicas, como Antonio Candido (1992) afirma, podem aparentemente assumir um “ar despreocupado, de quem está falando coisas sem a maior consequência; e, no entanto, não apenas entram a fundo no significado de atos e sentimentos do homem, mas podem levar longe a crítica social” (p. 18). Ruy Duarte de Carvalho apresenta-nos narrativas costuradas de viajante para viajante, de Angola para o Brasil e mostra-se um narrador que, além de tudo, sabe observar.

Walter Benjamin (1994), em seu ensaio “O narrador” (p. 197), ao refletir sobre o desaparecimento do narrador, defende que a arte de narrar histórias está em extinção. Para Benjamin (1994), as melhores narrativas “são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos” (p. 198). Ele divide os narradores em dois grupos, o primeiro é o marinheiro comerciante, ou seja, o narrador que viaja muito e, por isso, tem bastante o que contar e, o segundo, o camponês sedentário, ou seja, o narrador sedentário, aquele que não viaja, mas que, sem sair do seu lugar, conhece muitas histórias e tradições. No entanto, Benjamin (1994) afirma que só poderemos ver uma boa narração a partir da interpenetração dos dois tipos de narradores: o viajante e o sedentário.

Em *Desmedida* temos um processo narrativo em que o cronista consegue se apresentar em ambos os grupos de narradores indicados por Benjamin (1994). As leituras que o cronista de *Desmedida* fez no passado possibilitaram que ele conhecesse as histórias locais tanto sobre Angola quanto sobre o Brasil, como aquelas que ele reproduzira diretamente na obra: *Grande Sertão: veredas*, *Os sertões*, “A terceira margem do rio”. No século XXI, o narrador torna-se o viajante, que, ao retornar para Angola, volta com conhecimento sobre o Brasil e com experiências a compartilhar. Dessa forma, podemos encontrar os dois saberes eleitos por Benjamin (1994) o saber do passado recolhido pelo narrador sedentário e o saber das terras distantes, trazido para a casa por aquele que viaja (p. 199).

Encaro e enfrento o presente dando notícia de um tempo que inscreve o meu, ínfima parte, numa porção imensa do passado. Não meço só o meu passado pessoal, pelo que recordo do tempo em que vivi desde que nasci, senão também pelo que recordo, acúmulo, do que fui sabendo de antes de mim e afinal vivi, assim. Será essa memória vivida de qualquer vivente, aquela do tempo que situa o seu e que o situa a ele, até onde souber. E cada um indaga

até achar que basta ou achar que mais não justifica o esforço ou não compensa o tempo despendido. Mas pelo menos o que lhe vem do que lhe contam as duas gerações anteriores à sua, as que lidou com elas - de que é contemporâneo tal como o é o das duas seguintes - nem que seja só pela via da conversa, é memória sua, vivida. (CARVALHO, 2010, p. 350)

O tempo dos antepassados se inscreve no tempo do cronista, construindo um acúmulo de memória vivida de outros viventes, é a memória que vai até onde ele sabe, conhece, leu e ouviu. E mesmo que seja memória vivida por outras gerações, se é passada por via da conversa, já é memória sua. Esse é o espaço em que as histórias se misturam e Brasil e Angola não são países tão distantes.

Você vai assim de carro como a gente agora está a ir aqui, Paulino, e vê os tempos todos que estas viagens misturam. A ir pelas picadas de cá, estou-lhe a falar de um rio que tem lá, e à nossa volta não tem água nenhuma. Para a frente, quando voltar a falar no assunto, vou lembrar-me é das paisagens daqui. (...) Falei daqui, e agora, aqui, lembrando que estive lá, dá para dar conta que ter lá estado comporta ter falado, lá, de como é estar aqui. Está vendo? Não vale a pena... Você quer explicar. Mas vai explicar mais como? (CARVALHO, 2010, p. 227)

Na “Segunda metade”, ao chegar a Angola, as crônicas de *Desmedida* passam a ter um interlocutor específico angolano: Paulino, ou seja, o cronista retorna para sua terra de origem e relata ao seu conterrâneo o que viu, o que viveu, suas impressões. Dessa forma, ele se torna um narrador para Paulino, ou para os próprios angolanos. Dessa forma ele é, pra Paulino que retorna de uma viagem, um narrador viajante, pois “quem viaja tem muito que contar”, diz o povo, e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe.” (BENJAMIN, 1994, p. 198). Ele viaja e volta ao seu ponto de partida com novas histórias, reflexões refeitas e informações sobre o Brasil.

Ruy Duarte une geografia e história entre Brasil e Angola, retomando o que muitos viajantes fizeram: ir a terras estrangeiras no hemisfério sul para descobri-las, viver a experiência de um conhecimento que até então estava apenas nos livros, e retornar para seu país levando consigo o conhecimento que adquiriu na viagem.

Deve-se ressaltar que o cronista, em *Desmedida*, não ignora o que veio de outros viajantes. Benjamin (1994), ao diferenciar romance e narrativa, mostra-nos que o romance tem uma

característica segregadora, já o narrador “retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência de seus ouvintes” (p. 201). Logo a narrativa de Ruy Duarte de Carvalho é tecida pelas várias experiências lidas e ouvidas, é um texto baseado no “nós” para compreender o “eu”, os viajantes antecessores a ele são importantes para a construção de sua viagem, de seu texto, de suas reflexões. O cronista não ignora o passado, ele relê o passado e reflete sobre, para compreender o presente.

2.4 Memória

Desmedida não apresenta uma narrativa linear, pois não há n obra um início, meio ou fim. O livro faz-se por meio de um conjunto de histórias e reflexões em que o presente é determinante para decidir quais narrativas serão retomadas pelo cronista. Podemos exemplificar essa questão quando o cronista de *Desmedida* encontra-se numa fazenda de café, acompanhado por duas senhoras paulistanas em uma sala de jantar e, durante a conversa, afirma que

dizia sim, e assim, mas quase tudo, já, a pensar noutra coisa... (...) é que fui agarrado por certa ideia e envolvido numa bolha de temporalidade e de pensamento dessas que não tem nada a ver como as de durações comuns (...). Pensava noutra sala de jantar, tão extensa e por certo tão antiga como esta, porém numa fazenda então praticamente abandonada pela proprietária, ausente mais de duas décadas, na França. Ela estaria sentada agora ali também na companhia de suas filhas suas, nascidas já em Paris, e de alguém verdadeiramente ilustre, Cendrars, Blaise Cendrars, o escritor, o poeta amputado pela Primeira Guerra Mundial e aventureiro, brilhante e de cigarro, sempre no canto esquerdo da boca, talvez mesmo até enquanto agora ali jantava.(CARVALHO, 2010,p. 20-21)

Para o historiador Jacques Le Goff (1990) a “memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou o que ela representa como passadas” (p.423). Sendo assim, a memória é uma representação do sujeito sobre o passado, e Ruy Duarte de Carvalho, em *Desmedida*, não só narra suas impressões sobre o passado, como, também, (re)vive “empiricamente” o passado que leu em livros e durante as suas pesquisas antes de fazer a sua viagem

e li, durante a puberdade e a adolescência, muita literatura brasileira. Tinha uma livraria do Lobito que fazia importação direta de material brasileiro e distribuía pelo resto da colônia. Meu pai comprava livros desses e *O Cruzeiro* e a *Manchete* também (CARVALHO, 2010, p. 68).

As memórias de suas leituras reaparecem de acordo com suas ações no presente. Elas têm um papel fundamental para a viagem e para as reflexões que o cronista empreende em seu texto, principalmente, quando se refere ao Brasil. Como por exemplo, no capítulo 12, “Filmes e expedições” (p. 163), ao visitar a cidade de Três Marias, em Minas Gerais, uma chuva gera uma série de novas reflexões, por isso, ele dirige-se ao leitor e explica:

Atenção ao narrador: instalado aqui para poder dar-se ao luxo de uma surtida de barca pela albufeira de Três Marias, vê-se retido, por causa da chuva, numa instalação propícia à deriva... Instalado na espera e em clima de folga: a divagação é inevitável e poderá revelar-se fatal para o singelo projeto que vinha com ele... (CARVALHO, 2010, p. 163).

Em vários momentos de suas reflexões o viajante afirma divagar. O mesmo ocorre no capítulo 3, “Quintal metafísico” (p. 45) quando ao conversar com duas senhoras paulistanas, afirma “é que fui agarrado por certa ideia e envolvido numa bolha de temporalidade e de velocidade de pensamento dessas que não tem nada a ver com as durações comuns (CARVALHO, 2010, p. 20).

Todas essas divagações são causadas pelo ambiente do cronista. A paisagem, portanto, tem uma função quase mnemônica em relação às suas lembranças. A paisagem, junto com as lembranças pessoais, provoca a revisão de significados sobre as leituras que o auxilia a construir o imaginário sobre o Brasil, como podemos exemplificar abaixo quando as ações de uma menina e o espaço lembram-lhe *Grande Sertão: Veredas*.

Se é de fato o sertão que dá de encontro com a gente, foi na Chapada Gaúcha que dei inteira conta dele, num sorriso de menina que veio vindo, vendendo flores artificiais. Rasgando aberto na claridade crua de uma porção imensa de céu azul aberto. E da menina, o porte, ainda mal deixava adivinhar a velocidade, só, de um tempo a expandir-se em movimento e graça, projétil de energia de um corpo de criança. Era um sorriso de criança só. Mas para mim era um absoluto sorriso, inventado mineiro num rosto de Otacília à espera de Riobaldo numa fazenda mansa e santa, nascente de vereda, na serra dos gerais, perto do céu – um céu azul no repimpado e as nuvens que se removem onde a gente não vê o revirar das horas. (CARVALHO, 2010, p. 127-128)

O cronista, ao ver a menina e o céu azul, faz menção a uma memória literária que esse acontecimento lhe remete, referindo-se a *Grande sertão: Veredas*. A paisagem e o espaço para esse sujeito como uma fonte de reflexão.

Ao abordarmos os termos espaço e paisagem é necessário discutirmos seus conceitos. De acordo com o geógrafo Milton Santos (2006), paisagem e espaço não seriam sinônimos, para o autor “paisagem é o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre o homem e a natureza. O espaço são essas formas mais a vida que o anima” (p. 66). Por isso, a paisagem visitada por Ruy Duarte de Carvalho é importante para o reconhecimento de suas leituras anteriores à viagem, mas é no espaço que encontraremos a reflexão sobre a pós-colonialidade nas terras brasileiras, africanas e ocidental.

Ao considerarmos a palavra herança e relacioná-la com pós-colonial é necessário pensar nas identidades culturais, pois Angola e Brasil têm em sua cultura o resultado de um contexto no qual língua, religião, costumes e tradições foram profundamente modificados pela colonização europeia. E, dessa forma, a presença de um escritor angolano no Brasil, retomando esse tema, traz para questionamento a própria identidade no contexto social e, por isso, ele procura, de certa forma, encontrar a sua terceira margem.

Dessa forma, podemos retomar ao que Eclea Bosi (1987), no primeiro capítulo de *Memória e sociedade*, ao discorrer sobre a teoria de Bergson e a memória, questiona: “o que percebo em mim quando vejo as imagens do presente ou evoco as do passado? Percebo, em todos os casos, que cada imagem formada em mim está mediada pela imagem, sempre presente, do meu corpo” (BOSI, 1987, p. 6, grifo da autora), ou seja, Bosi (1987), em diálogo com Bergson, ressalta que as memórias do passado sempre são mediadas pelo presente. Dessa forma, a memória faz parte da percepção subjetiva que temos das coisas, portanto, Ruy Duarte de Carvalho, a partir de cada memória e lembrança em *Desmedida*, escreve a sua percepção, a sua opinião sobre os acontecimentos. Dessa maneira, em um contexto em que a memória está relacionada também a um passado colonial, como é o caso de Brasil e Angola, muitas declarações de Ruy Duarte de Carvalho demonstram o quanto ele é ciente dessa condição e como ele tem o seu modo particular de discorrer sobre estas questões.

A memória do passado colonial será em todos os casos de figura, e muito particularmente a partir das suas inevitáveis reelaborações e reformulações - que são obrigatoriamente trabalho de elites e logo assim nelas cabendo também a literatura e as outras artes modernas - uma memória de conflito, do conflito. A memória do passado colonial tenderá mesmo a constituir-se, por esta via, como memória estruturante. É o conflito colonial que estrutura, justifica e legitima o devir dos estados-nação que a colonização produziu, por mais decepcionante e conflituoso que ele venha a revelar-se, e o poder

fará tudo ao seu alcance para que assim continue a ser. (CARVALHO, 2008b, p. 71)

Ruy Duarte (2008b) ao escrever sobre memória e a literatura como uma arte nacional, mostra como que, para ele, o passado colonial sempre estará presente como memória e como que, apesar das reformulações, essas memórias serão sempre conflituosas e o poder estará sempre fazendo o possível para que assim continue. Portanto, quando pensar no presente, muitas das ideias do passado que o cronista em *Desmedida* evoca são relacionadas a Angola e questionadas no Brasil, devido, principalmente, às condições pós-coloniais dos países.

como é que a ideia brasileira lida com o curso e a feição da entrada ou da produção das ideias de ponta no Brasil, e com as interrogações que elas colocam às elites brasileiras? Com as modernidades e a condição mestiça. a fatalidade biológica e cultural mestiça brasileira, a plurirraciedade brasileira intrínseca, com brancos, índios e negros e cruzamentos de toda ordem... Porque a maneira como lida o brasileiro com o extermínio dos índios é outra estória... Já li que a geração urbanizada e de educação universitária autora do golpe republicano de 1889 produziu na sociedade brasileira um complexo de remorso parricida. Outros complexos prevalecerão ainda e com maior pertinência. (CARVALHO, 2010, p. 202)

Para compreender o Brasil a partir de Angola, o cronista traz questões do passado para embasar as diferenças entre os países. Por exemplo o discurso sobre a mestiçagem que tem suas consequências e heranças até hoje na sociedade brasileira ou como o brasileiro lida com a questão indígena. De acordo com Vânia Moreira (2010), em 1838 foi criado do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), anos depois da independência que reunia a elite e a classe intelectual do período que deveria estar a “serviço da pátria” e como a autora cita “de acordo com von Martius ‘escrevendo uma história que defendesse a Monarquia Constitucional’” (p.55). A partir de então, é possível notar como “fazer ou não parte das novas narrativas históricas nas nações tornou-se (...) uma questão estratégica” (MOREIRA, 2010, p. 55) e:

Apesar dos muitos avanços no sentido de incluir os índios na História, eles ainda continuam sub-representados na história nacional, reproduzindo-se um fenômeno iniciado no Império. Isso fica particularmente evidente, aliás, nos estudos sobre o Brasil Oitocentista, pois, em publicações recentes e que reúnem diversos autores, é notável a ausência dos índios na abordagem sobre a formação da nacionalidade, a cidadania e a política durante o período imperial.

Portanto, o tempo que o brasileiro deixou de falar sobre o índio é uma questão que traz seus resultados, hoje pouco é conhecido sobre essa história, pouco se fala daqueles índios que sobreviveram à esfera da sociedade colonial.

2.5 A Segunda metade

A “Segunda metade” de *Desmedida* traça um percurso por três lugares: São Paulo – antes de partir de volta a Luanda, para, de acordo com o narrador, reorganizar seus pensamentos – Luanda e sul de Angola – onde um novo personagem surge na obra: Paulino Kia Samba – e volta ao Brasil para visitar as paisagens do nordeste.

Na “Segunda metade”, o cronista, além de ter a intenção de se reorganizar e levar sua experiência de cá para lá, volta a Luanda e narra o que viu, o que viveu e o que releu nas estradas do São Francisco para o seu interlocutor Paulino Kia Samba.

é um rio grande assim como uma foz, vou contar ao serão, sentado ao fogo com Paulino, meu assistente pelos desertos austrais de Angola, ouvir-me, quando for agora a Luanda e depois aos sul visitar pastores e matar as saudades de andar por lá. (CARVALHO, 2010, p. 211)

O cronista narra parte de sua viagem ao Brasil para Paulino e é esse retorno a Angola o qual permite que suas reflexões retomem a viagem e o passado dos países. Rita Chaves (2004) em seu artigo “O passado presente na literatura africana” afirma que o passado é de grande importância para as literaturas africanas, devido não só à interferência ocidental em África, mas, principalmente, à atmosfera de choque que essa intervenção causou na reorganização das sociedades, além da independência nos anos de 1970. Essa herança negativa do colonialismo, de acordo com Chaves (2004), “deixava uma sucessão de lacunas na história dessas terras e muitos escritores, falando de diferentes lugares e sob diferentes perspectivas, parecem assumir o papel de preencher com o seu saber esse vazio que a consciência vinha desvelando” (p. 147). Wander Melo de Miranda (2010) também afirma que a narrativa da nação é um “jogo sutil entre lembrar e esquecer” (p. 35) e que uma “nação não existe sem passado: é preciso lembrar a herança deixada por seus fundadores” (p. 35). É esse passado que vai auxiliar na compreensão dos processos de colonização e independência, mas, também e principalmente, auxiliar na compreensão e crítica dos muitos relatos de viagem feitos por estrangeiros viajantes.

Flora Sussekind (1990) em *O Brasil não é longe daqui*, afirma que o Brasil sempre esteve presente nas narrativas dos viajantes. O Brasil era um país que despertava a curiosidade e a simpatia de muitos estrangeiros que conheciam e liam alguma coisa sobre o país, ou seja, o Brasil sempre esteve por perto de quem se interessava pelo Novo Mundo. E, realmente, para o cronista de *Desmedida*, o Brasil sempre esteve próximo, nas revistas, nas publicações da editora José Olympio ou nas músicas de Elis Regina, Chico Buarque ou Clara Nunes.

E continuou-se a ouvir-se o rei Roberto Carlos e o samba sempre foi nosso também e nunca deixou de haver quem venerasse a voz de Elis Regina e depois fomos dando conta de como continuava a importar-se uma geração de muitos e bons músicos brasileiros que andavam, como o gênio que é o deles e nas próprias “barbas do bando”, a dizer coisas que se adaptavam também perfeitamente a situações e a constrangimentos que para alguns de nós não havia maneira de não estar a ver que eram também cada vez mais nossos, embora Angola estivesse a fazer uma revolução, e quando o Chico Buarque nos veio visitar numa solidariedade internacionalista, pelo menos foi assim que disse na altura, e arrancou essa glória que é a mulata de chocalho na canela, da Catumbela. (CARVALHO, 2010, p. 69-70)

A terra brasileira sempre foi foco de certos olhares estrangeiros. O Brasil já recebeu muitos etnógrafos, viajantes e antropólogos para estudar nosso país, nosso clima, ou a população, como, por exemplo, Caspar Barlaeus (1584-1648), João José de Santa Teresa (1658-1733), James Henderson (1783-1848), Henry Koster (1793-1820), Jean Louis Rodolphe Agassiz (1807-1873), Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853) ou Maria Graham (1785-1842).

Muitos estrangeiros que vieram ao Brasil do século XVI em diante foram responsáveis constituir uma visão sobre o país, no entanto, muitos desses pontos de vista não deram conta da realidade de um país tão diverso e heterogêneo em sua dimensão geográfica, por isso, algumas versões são estereotipadas. E, para Flora Sussekind (1990), não são apenas os olhares estrangeiros que estereotipam uma visão sobre o Brasil, mas na própria ficção brasileira os relatos de viagem foram fundamentais para criar um imaginário paisagístico no Brasil, um exemplo é “Manifesto da Poesia Pau-Brasil”. Nesse manifesto, Oswald de Andrade propõe uma reflexão sobre a condição do país em relação ao domínio estrangeiro, voltando-se para a colonização. Para isso, o modernista propõe uma visita à carta de Pero Vaz de Caminha e a outros fragmentos de crônicas a respeito do Brasil e, pela paródia e ironia, ele reflete sobre a condição do país.

Uma das reflexões mais famosas de Oswald de Andrade veio do movimento que o próprio nomeou “Antropofagia” e que propunha ingerir a cultura estrangeira para incorporá-la à realidade brasileira para, assim, ascender uma cultura mais representativa do nosso país.

É interessante observar que para Oswald de Andrade houve uma segunda descoberta do Brasil, uma descoberta que não foi feita por um estrangeiro, mas, sim, por ele mesmo, um poeta brasileiro.

E Ruy Duarte de Carvalho, logo no primeiro capítulo de *Desmedida*, não deixou de falar sobre o movimento *Pau-Brasil*:

O movimento *Pau-brasil*, de Tarsila e Oswald, terá mesmo nascido e achado o seu tom na companhia de Cendrars, e as suas imagens e obra convinha em absoluto a essa campanha brasileira contra o pieguismo romântico e a “cruza de açougue” do realismo, acrescentam alguns. Tratava-se de cantar, a par de uma brasilidade ainda muito em busca de si mesma, o fluxo da vida moderna, a importância do tempo material, o motor, o asfalto, o cinema, a eletricidade, a iluminação, as engrenagens fabris e a velocidade... (CARVALHO, 2010, p. 25)

A citação acima, faz referência à participação de Cendrars nesse movimento. Inclusive, primeira edição da obra de Oswald de Andrade *Pau-Brasil* (1925) as primeiras páginas do livro trazem a dedicatória “A Blaise Cendrars por ocasião da descoberta do Brasil”. Portanto, para descobrir é preciso voltar, é preciso compreender como ao longo do tempo algumas histórias foram narradas.

Grande parte da história de Portugal se pautou pela viagem, conseqüentemente também a literatura portuguesa. Afinal, a viagem para o caminho das Índias ficou no imaginário português como um marco do nacionalismo e, como marco literário com *Os Lusíadas*.

É assim que poderemos retomar o questionamento trazido na introdução dessa dissertação, baseado no ensaio “Por que e para que viaja o europeu?” de Silviano Santiago (2002). Santiago levanta várias hipóteses para responder essa pergunta e inicia as tentativas de resposta pela literatura: primeiramente, ele enfatiza que Camões afirmava que eu europeu viajava para propagar a fé do império (p. 221). E mais, para Santiago, o europeu viaja pois é curioso por aquilo que desconhece, é esse desconhecido que instiga seu saber (p.222). Mas é na parte em que Silviano Santiago (2002) intitula propositalmente de “Parêntese” que ele discute o papel do negro africano nessa viagem do europeu. Discute a obrigatoriedade da viagem forçada, aquilo que é “um dos mais injustos sistemas socioeconômicos”- a escravidão.

Mais adiante no ensaio, ele escreve sobre as viagens dos naturalistas do século XIX, ao Brasil, bem como a viagem antropológica como sendo a “consciência infeliz do viajante e do colonizador europeus” (p. 234). Para Santiago (2002), o antropólogo seria o testemunho da destruição do Novo Mundo pelo Velho Mundo e encarnaria uma visão conservadora porque buscaria no Novo Mundo uma civilização que não mais existe.

Esse papel ingrato do antropólogo nos faz refletir sobre a atuação do escritor Ruy Duarte de Carvalho em *Desmedida*, pois ele é um viajante que vem ao Brasil no século XXI e não vem da Europa, mas sim de Angola, um país do hemisfério sul, também colonizado pelos portugueses e que de lá para cá vieram muitas pessoas que foram escravizadas.

Para Flora Sussekind (1990) as visões eurocêntricas sobre o Brasil, não vinham apenas de europeus, como também influenciavam fortemente os escritores brasileiros

percorrer o país, registrar a paisagem, colher tradições: esta a tarefa não só dos viajantes estrangeiros que visitam o definem um Brasil nas primeiras décadas do século passado, este o papel que se atribuem também escritores e pesquisadores locais à época (SUSSEKIND, 1990, p. 55).

Portanto, os olhares estrangeiros sobre o Brasil acabaram por fazer parte também do ideário nacional do país. Flora Sussekind (1990) aborda o incômodo de se deparar com a própria literatura brasileira com uma forte influência externa e, por isso, ela destaca a exceção: Machado de Assis, “nem aventura, nem expedição científica, nem regresso à origem, a viagem do narrador machadiano é ao redor de si mesmo, das dicções narrativas, dos casos diminutos e posições ideológicas de seu tempo” (p. 275). A autora argumenta que no conto “Uma excursão milagrosa”, publicado pelo *Jornal das Famílias* em 1866, há um narrador não-viajante, que transmite as aventuras vividas por outra pessoa e que, essa viagem, o próprio narrador não gostaria de fazer (p. 75). Para Flora Sússekind (1990), neste tipo de narrativa “é o próprio sujeito que emerge no seu percurso, o sentimento do mundo sintoniza-se ao autoconhecimento, o aprendizado é também de si mesmo. Assim como os deslocamentos no espaço, as paisagens por que se passa estão impregnadas de tempo, história” (p. 110).

Outra viajante que esteve no Brasil foi Maria Graham, escritora britânica que veio ao país em três ocasiões e fez descrições em seus diários das paisagens por onde viajou, mas “talvez a mais bela das descrições (...) não tome modelo visitas e panoramas brasileiros” (SÜSSEKIND, 1990, p. 104).

Süssekind (1990) explica que Maria Graham, em sua passagem pela cidade de Funchal, em Portugal, sentiu algo diferente que chamou sua atenção: para Graham a paisagem já não se destacava como antes, pois já havia visitado aquelas terras há 12 anos. O que lhe fazia refletir era o sentimento que tinha ao voltar para Funchal depois de um longo tempo. Algo havia mudado e era uma “sensação de não estar todo” (p. 105). Essa mudança havia ocorrido em seus contornos íntimos, fazendo com que a “personagem-em-trânsito” voltasse para si mesma e fizesse uma releitura interior. (SÜSSEKIND, 1990, p. 105)

O acontecimento exemplificado por Süssekind (1990) demonstra que essa mudança interior trouxe a Maria Graham novos questionamentos íntimos sobre si mesma. Quanto a Ruy Duarte de Carvalho, podemos lembrar que o escritor tem em seu itinerário a intenção de reconhecer as paisagens que leu, que fazem parte do seu imaginário sobre o Brasil, por isso, a viagem torna-se um terreno fértil para a prática, também, do conhecer a si mesmo, de fazer uma viagem interior.

E ao sentido da viagem que estou a fazer (e das crônicas que ando a querer escrever): explorar o São Francisco vindo eu da África, de Angola, na condição que é minha e a dar-me à ousadia, muito pessoal, íntima às vezes, de tentar explicar-me pensando, fundamentando, acrescentando, inventando, as minhas percepções do Brasil e do que o Brasil me dá a ver, a ler, a curtir, a abominar do Brasil, do mundo e de mim mesmo. (CARVALHO, 2010, p. 149-150)

O ponto de vista em *Desmedida* contrasta com o dos antigos viajantes que estiveram no Brasil, pois o olhar é de sul para o sul, ou seja, de um angolano para o Brasil. Logo, o sujeito em *Desmedida* vem para o Brasil, não com a visão estereotipada do europeu colonizador sobre a América, mas sim, com a consciência da alteridade, com a consciência de ter sido ele também colonizado, de ter sido ele também um outro diante do olhar eurocêntrico do colonizador e de estar aqui procurando semelhanças, mas encontrando muitas vezes diferenças.

Fico-me pelas interrogações que a viagem me suscita e, para poder também eu seguir em frente, inscrevo tudo nessa aritmética e cômoda evidência de todos nós, angolanos e brasileiros, negros, índios, brancos ou de qualquer outra marca, somos todos, hoje, produto do fenômeno colonial ou filhos da expansão ocidental. Tivemos independências diferentes, tivemos histórias também diferentes tanto antes das nossas independências como depois delas, mas fazemos também todos parte, embora sem dúvida cada uma à sua maneira, da mesma substância de borbulha no caldeirão dos nossos futuros comuns ou diferenciados, incluindo o indígena mais ornamentado de mais remoto daqueles grupos à volta dos quais os ecologistas andam a montar barreiras. (CARVALHO, 2010, p. 251)

O sujeito de *Desmedida* rastreia, na literatura, na viagem, situando-se na fronteira Brasil/Angola/Portugal referências desemoldurando o que já foi escrito, e apresentando a sua leitura das terras brasileiras e angolanas. A “diferença interior”, a “realidade intervalar”, e o hibridismo, expressões que tomamos de empréstimo a Bhabha (1998), assinalam a posição que o sujeito de *Desmedida* ocupa em terras brasileiras. Para Homi Bhabha (1998), o “sujeito sul-africano de cor, representa um hibridismo, uma diferença ‘interior’, um sujeito que habita a borda de uma realidade ‘intervalar’” (p. 35).

Ruy Duarte de Carvalho, ocupando a posição de português de nascença e angolano por condição, ao vir para o Brasil tem a intenção de refletir, compreender como, diferentemente de Angola, o Brasil reagiu ao processo de colonização e independência.

Existimos todos, hoje, na decorrência de uma colonização que foi dando sumiço àqueles que de maneira como viviam não tinham maneira de resistir, servimo-nos da mesma língua oficial, invocamos lusofonias de hoje que já foram lusotropicalismos antes, somos todos do hemisfério sul, com a cor geopolítica comum que isso comporta, e temos negócios correntes, estamos vivendo tempos comuns e tempos diversos do mesmo processo universal, global. Nós estamos é juntos, Paulino, no vaivém das balsas, atlânticas até (CARVALHO, 2010, p. 251-252).

Ele procura em seu texto construir uma reflexão e uma revisão historiográfica, identitária da colonização e pós-colonização tanto em Angola tanto no Brasil, demonstrando inúmeras vezes em sua obra a inquietação diante dos discursos já formatados e carregados de interesses políticos.

Capítulo 3. A pluralidade do ser, afinal somos “nós”

*Sou testemunho da noção geográfica
que identifica as quatro direcções
do sol às muitas mais que o homem tem.
Sou mensageiro das identidades
de que se forja a fala do silêncio.*

Ruy Duarte de Carvalho

3.1 Identidade e diferença

Ao observarmos a condição contemporânea dos sujeitos na sociedade, podemos perceber que, assim como analisa Hall (2002) em *A identidade cultural na pós-modernidade*, o sujeito pós-moderno não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente, mas sim uma identidade formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (p. 12-13). Portanto, o que expõe Hall (2002) sobre a identidade leva-nos a pensar em uma pluralidade de eus que se manifestam em diferentes situações, que não são controlados e deslocam-se com frequência. Ao analisar por esse ponto, quando pensamos na vivência e experiência de Ruy Duarte de Carvalho, entre espaços literários e geográficos que metaforicamente refletem a fragmentação identitária desse sujeito em seu tempo, por isso, conseguimos encontrar, também, sinais críticos sobre a realidade social brasileira e angolana diante da história que esses países apresentam – o espaço geográfico, portanto, torna-se um lugar enunciativo de eus e reflexões.

Há, dessa forma, em torno da viagem em *Desmedida*, uma movimentação que cria e recria paisagens, espaços e identidades pluralizadas. A viagem traz a possibilidade de percorrer a consciência de um cronista que não abre mão da sua subjetividade para expor suas motivações durante sua escrita. Há um sujeito social que se posiciona perante a sociedade pós-independência e que investiga na escrita construir seus temas e questionamentos sobre as relações de poder na sociedade, tornando-se uma ferramenta de discussão.

Por isso, os estudos sobre identidade, tornam-se importantes para observarmos a construção que Ruy Duarte de Carvalho (2010) apresenta-nos em *Desmedida*, afinal como Hall, (2009) em seu ensaio “Quem precisa da identidade?”, ressalta as identidades são construídas dentro e não fora do discurso, por isso é que precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais, no interior de suas formações e práticas discursivas e por estratégias e iniciativas específicas (p. 109).

Tomaz Tadeu da Silva (2009) ao discutir sobre identidade afirma que inicialmente pode ser aparentemente fácil defini-la, logo que a essa tem referência em si própria: “ela é auto-contida e auto-suficiente” (p. 74). Assim, de acordo com o autor, a identidade pode parecer ser uma positividade, por ser aquilo que ela é, como “sou brasileiro, sou negro, heterossexual, jovem” (p. 74).

Porém Silva (2009) acrescenta o outro lado da identidade: a diferença. “A diferença é aquilo que o outro é: ‘ela é italiana’, ‘ela é branca’, ‘ela é homossexual’, ‘ela é velha’, ‘ela é mulher’” (p. 74). Dessa forma, a identidade baseia-se na diferença para existir, portanto, ambas estão interligadas.

Silva (2009) explica que encontramos a nossa identidade por meio da diferença, afinal se digo “sou brasileiro” é porque existem outras nacionalidades para serem tomadas como referência. Assim, quando você faz uma afirmação, nega várias outras. Se eu afirmo que “sou argentina”, também trago em mim várias negativas, como “não sou brasileira, não sou portuguesa, não sou espanhola, não sou uruguaia”. (SILVA, 2009, p. 75). Dessa forma “identidade depende da diferença, a diferença depende da identidade. Identidade e diferença são, pois, inseparáveis” (p. 75). Além disso, Silva (2009) também argumenta que “identidade e diferença partilham uma importante característica: elas são o resultado de atos de criação linguística” (p.76), ou seja, elas não existem naturalmente, mas são criações de um mundo cultural e social, dessa forma “somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais” (p. 76).

Podemos observar que em *Desmedida* há algumas afirmações que discutem a relação identidade/diferença. Por exemplo, o sujeito da viagem em *Desmedida* afirma que sempre manteve o “Brasil como paixão, ancorado numa condição periférica de angolano excêntrico” (p. 70), podemos, então, inferir que ele nega ser português, brasileiro, moçambicano ou inglês - entre outras várias nacionalidades. Porém, ao inserir a palavra modificadora “excêntrico”, altera o sentido, demonstrando que, mesmo sendo angolano, carrega alguma diferença consigo

que o deixa fora do centro. Essa característica fica evidente quando ele afirma ser “cidadão de Angola, mas nascido fora” (p. 53) ou “órfão parricida de impérios” (p. 54). Percebe-se que sua identidade está presente em suas afirmações, está pautada pela diferença.

Essas duas últimas afirmações tornam-se importantes por trazer contradições e ao mesmo tempo uma referência ao império português. Afinal, ele se apresenta como cidadão de Angola, em seguida traz a adversativa para mostrar que nasceu fora e, posteriormente, mostra-se como parricida de impérios, ou seja, aquele que adotou a cidadania de Angola e “matou” seu pai ou sua mãe para pertencer ao outro país e, para isso, “matou” o império português em si para se tornar angolano.

Silva (2009) também afirma que se a identidade e a diferença são produtos de relações sociais, isso significa que também estão sujeitas às relações de poder, por isso não são simplesmente definidas, são impostas e não convivem harmoniosamente, elas são disputadas. Para o autor, na disputa da identidade há sempre uma disputa por recursos simbólicos e materiais da sociedade. Assim, a identidade e a diferença trazem consigo o desejo dos diferentes grupos sociais, em consequência, “o poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. O poder e a identidade não são, nunca, inocentes” (p. 81). Então, onde existir diferenciação, existirá poder e as marcas da presença do poder são muitas, como “incluir/excluir (‘estes pertencem, aqueles não’); demarcar fronteiras (‘nós’ e ‘eles’); classificar (‘bons e maus’; ‘puros e impuros’; ‘desenvolvidos e primitivos’; ‘racionais e irracionais’); normalizar (‘nós somos normais; eles são anormais’)” (p. 81). Sendo assim, ao afirmar uma identidade, cria-se uma demarcação de fronteiras, uma distinção que classifica o que fica dentro e o que fica fora e, como ressalta o autor, uma separação entre o “nós” e o “eles”, reafirmando as relações de poder.

Nessa discussão que Silva (2009) ressalta que o essencial para a produção de significado são as oposições binárias que giram em torno de suas classes polarizadas. Silva (2009) argumenta que para Derrida as oposições binárias não expressam uma simples divisão do mundo, mas, ao contrário, as oposições binárias sempre marcam que um dos termos é privilegiado e recebe um valor positivo, enquanto o outro recebe um valor negativo. E é com a normalização que o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença,

Normalizar significa eleger – arbitrariamente – uma identidade específica como parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas ou hierarquizadas (...). A identidade normal é “natural”, “desejável”, “única”. A

força da identidade normal é tal que ela nem sequer é vista como uma identidade, mas simplesmente como a identidade (...). Numa sociedade em que impera a supremacia branca, por exemplo, “ser branco” não é considerado uma identidade étnica ou racial. Num mundo governado pela hegemonia cultural estadunidense, “étnica” é a música ou a comida de outros países. É a sexualidade homossexual que é “sexualizada”, não a heterossexual. A força homogenizadora da identidade normal é diretamente proporcional a sua invisibilidade (SILVA, 2009, p.83)

Portanto, para o autor, a identidade é construída por meio dos interesses do poder e, por isso, haverá grupos que estarão em uma posição privilegiada e outros que terão um valor negativo.

Dessa forma, pode-se concluir que:

a identidade não é uma essência; não é um dado ou um fato - seja da natureza, seja da cultura. A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. Por outro lado, podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas. A identidade está ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder. (SILVA, 2009, p. 96)

Sendo assim, a identidade também tem o movimento de questionar-se, descobrir-se e essa ação não poderá ser feita tão facilmente entre os iguais. É em contato com o outro, exercitando a alteridade que será possível encontrar-se com as múltiplas possibilidades de criticar-se, questionar as relações de poder, assim como fez Ruy Duarte de Carvalho no Brasil, ao vir encontrar-se com o Outro brasileiro, disposto a conhecê-lo a partir de sua condição no mundo como angolano e como um estrangeiro em viagem. Afinal, como afirma Silva (2009) identidade também é uma questão política e questionar os mecanismos de produção da multiplicidade cultural é algo que implica a ideia de que antes de “tolerar, respeitar e admitir a diferença, é preciso explicar como ela é ativamente produzida” (p. 100).

Hall (2009) evidencia o porquê de se questionar esses mecanismos de produção da identidade, afinal para o autor, umas das formas de se ler a identidade é a “*contrapelo*” (p. 111), pois a identidade, acima de tudo, é construída pela diferença e isso implica o reconhecimento, afirma Hall (2009), de que é apenas na relação com o Outro, ou seja, na relação com aquilo que falta que a identidade pode ser compreendida (p. 110).

Kathryn Woodward (2009) anota que a identidade é relacional, ou seja, depende de algo externo para existir, de algo que difere, um aquilo que não é. Para Woodward (2009) existe

uma associação entre a pessoa e as coisas que ela usa (p.9), essas “coisas” podem ser um significante importante que difere a identidade. Em seu texto a teórica cita o cigarro como exemplo na canção dos Rolling Stones, “Satisfaction”: “bem, ele não pode ser um homem porque não fuma os mesmos cigarros que eu” [Well he can't be a man 'cause he doesn't smoke the same cigarettes as me]. Nessa música, de acordo com Woodward (2009), o cigarro é associado à ideia de masculinidade, assim o símbolo que é o cigarro também carrega uma marca social. É preciso observar a questão do objeto como uma marca de identidade, pois algo semelhante acontece em *Desmedida*, o cigarro torna-se um símbolo que o viajante contempla e, ao fumar, imagina a mesma ação sendo feita por Cendrars “posso fumar à vontade, agora que estou sozinho (...) em salões assim, onde Cendrars terá ufanamente fumado desses portentosos charutos de São Félix” (CARVALHO, 2010, p. 45). O cigarro torna-se objeto de identificação, criando um vínculo de semelhança. Dessa forma, esse fato condiz também com o que Kathryn Woodward (2009) ressalta quando as identidades buscam suas reivindicações por meio dos antecedentes históricos que podem reafirmar e reconstituir a identidade (p. 10).

Outro fator que Woodward (2009) destaca é que a identidade pode se concentrar tanto no essencialismo quanto no não essencialismo. Para ela o essencialismo pode fundamentar suas afirmações tanto na história quanto nas “verdades” biológicas. O corpo, por exemplo, é um dos locais que estabelecem as fronteiras que definem quem somos nós, como a maternidade que está biologicamente fundamentada no corpo. Por outro lado, os movimentos sociais ou étnicos, nacionalistas ou religiosos, com frequência, se apoiam na história ou na cultura como fundamento de sua identidade. Poderíamos questionar, portanto, que ser negro, ou seja, o corpo está ligado à identidade africana e, conseqüentemente, por interesses sociais e políticos outros constructos identitários (p. 14).

Para Woodward (2009) é importante questionar sobre as mudanças que vêm ocorrendo no campo da identidade nos últimos anos. Essas mudanças têm gerado a chamada “crise de identidade”. Para a autora, essa mudança mostra que as identidades não são fixas e nem permanentes.

Outro ponto importante ressaltado por Kathryn Woodward (2009) é a sobreposição entre identidade e subjetividade. “Subjetividade sugere a compreensão que temos sobre o nosso ‘eu’” (p. 55). Logo esse termo envolve a compreensão que temos sobre o que “nós somos”, nossos sentimentos e pensamentos pessoais, inclusive, as dimensões inconscientes do eu, podendo haver contradições, ser racional ou irracional. Assim, de acordo com a autora esse

conceito de subjetividade permite a exploração dos sentimentos que estão envolvidos no processo de identidade e o entendimento das razões pelas quais nos apegamos a identidades particulares. É nesse contexto que *Desmedida* relaciona-se com a subjetividade do cronista, ali ele expressa o entendimento de si mesmo, pelo espaço que habita. Sua identidade, nesse espaço, não é fixa, traz a possibilidade para o questionamento e reflexão para que o sujeito assuma a sua posição no deslocamento.

Para Hall (2009) é necessário repensar o sujeito em uma nova posição, seja deslocada ou descentrada (p. 105). No processo de identificação, Hall (2009) mostra que o sujeito estará sempre disposto ao “jogo” da ‘*différance*’” (p. 106), dessa forma, para consolidar esse processo, a identificação requer aquilo que é deixado para fora. Por isso, Hall (2009) demonstra que é necessário vincular a discussão sobre identidade aos processos e práticas que incomodam o caráter estabelecido de muitas populações e culturas, como a globalização, a modernidade, os processos de migração forçada ou “livre” “que (têm) tornado um fenômeno global do assim chamado mundo pós-colonial” (p. 108). Por isso, é importante pensarmos na identidade como um estado e não como um ser, ou seja, não aquilo que somos, mas daquilo no qual nos tornamos; nem com questões como “de onde nós viemos”, ou “quem nós somos”, mas pensar em “quem nós somos” ou “quem nós podemos nos tornar”, “como temos sido representados” e, principalmente, “como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios” (p. 109), afirma Hall (2009).

Dessa forma, percebe-se nas postulações de Hall (2009) como a identidade não é determinada, mas sim construída e fluida. Outro ponto importante que o teórico é que apenas podemos perceber a identidade por meio da diferença, ou seja, do que é diferente de mim, do outro. Esse contato com o outro mostra-nos o que é diferente de nós e ao mesmo tempo, desvendamos o algo que falta.

Bhabha (1980) afirma em seu texto “A questão do outro” que a alteridade é o símbolo que reconhece a presença da diferença e nesse contexto a alteridade traz a necessidade de provar ou assumir a identidade (p. 180). Portanto, o “processo de se identificar através de outro objeto, um objeto de alteridade” (p. 37) é sempre ambivalente, afirma Bhabha (1980) devido, inclusive, a essa intervenção da alteridade.

3.2 Subversão da identidade

Silva (2009), ao discutir sobre a constituição da identidade, cita o hibridismo como uma amálgama ou intercurso de diferentes nacionalidades ou etnias. O hibridismo consegue questionar as identidades concebidas como fundamentalmente separadas, aponta o autor, já que “a identidade que se forma por meio do hibridismo não é mais integralmente nenhuma das identidades originais, embora guarde traços delas” (p.87).

Silva (2009) discorre sobre o processo de hibridização forçada, logo que esse processo se dá nas relações conflituosas entre os diferentes grupos nacionais ou étnicos. Um exemplo foi a viagem forçada que os africanos fizeram para a América na época da escravidão que colocou em contato os diferentes grupos, iniciando um movimento de hibridização forçado. Outra forma de movimento seria, para Silva (2009), metafórico, como “cruzar fronteiras”, ou seja, “mover-se livremente entre os territórios simbólicos de diferentes identidades” (p.88).

Por fim, o autor demarca o movimento migratório de grupos da colônia para a metrópole e vice-versa. Esse foi um processo que afeta tanto as identidades subordinadas como as hegemônicas. Dessa forma, ele propõe a viagem como um caráter de hibridização, pois “a viagem obriga quem viaja a sentir-se ‘estrangeiro’, posicionando-o, ainda que temporariamente, como ‘outro’, provocando a experiência do ‘não sentir-se em casa’” (p.88). Assim, a viagem permite que o viajante experimente o sentimento da instabilidade e da precariedade da identidade.

Em *O local da Cultura*, Bhabha (1998) mostra-nos que o hibridismo é uma forma de questionar a autoridade que mantém o poder ou o controle, logo o hibridismo é capaz de evidenciar as diferenças e, por isso, o híbrido torna-se uma ameaça, pois destrói as simetrias estabelecidas pelo eu/outro, dentro/fora (p. 268). Pois, é na margem do hibridismo que “as diferenças culturais se tocam de forma “contingente’ e conflituosa” (p. 286), revelando a experiência fronteira e resistindo à oposição binária de grupos sociais e culturais como consciências políticas polarizadas e homogêneas e, para Bhabha, (1998), a crítica pós-colonial e negra “propõem formas de subjetividades contestatórias que são legitimadas no ato de rasuras das políticas da oposição binária as polaridades invertidas de uma contra política” (p. 249). Logo o autor esclarece que essa ambivalência produtora do discurso colonial é a alteridade que é estabelecida, ao mesmo tempo, como “objeto de desejo e escárnio” (p. 106)

que transforma o discurso colonial no aparato de poder que se constitui “no reconhecimento e repúdio das diferenças raciais/culturais/históricas” (p. 111).

Além dessa questão, Bhabha, em entrevista para Jonathan Rutherford (s/d), ressalta que as formas de cultura estão em um processo de hibridação. Porém, Bhabha não se refere à hibridização como a capacidade de encontrar dois momentos culturais diferentes dos quais emerge um terceiro, para o autor, hibridação é o “terceiro espaço” (p. 36), ou seja, aquela posição que permite que outras emerjam. O teórico defende que o processo de hibridação cultural gera algo novo e irreconhecível.

A hibridação, portanto, ao gerar uma situação nova, exige uma reformulação de princípios, é um momento para repensá-los e expandi-los, afirma Bhabha. Por isso, diante do terceiro espaço há a necessidade de uma rearticulação, pois o “povo” não é algo pronto e ou um “conceito dado” (p. 41) como uma parte homogênea, mas sim “uma forma múltipla de identificação” (p. 41), ocupando lugares contraditórios, com uma “forma múltipla de identificação, que espera ser construída e criada” (p. 41).

3.3 Alteridade e o Outro

Para Thomas Bonnici (2009) sendo a teoria e a crítica pós-colonialista um novo caminho em que os textos são interpretados “politicamente”, é importante basear-se na relação entre o discurso e o poder. Para o autor “as forças políticas e econômicas, o controle ideológico e social subjazem ao discurso e ao texto”, pois durante muito tempo – considerando que essa é uma afirmação que deve ser questionada atualmente – parte dos europeus eram convencidos de sua superioridade cultural, moral e intelectual diante daqueles que eram diferentes e, nesse caso, “estabeleceu-se uma relação de poder entre o ‘sujeito’ e o ‘objeto’” (p. 223). Bonnici (2009), que dialoga com os pressupostos de Foucault sobre o poder, afirma que o discurso, seja escrito ou oral, jamais estará desvinculado do período histórico em que foi produzido. Portanto, esses discursos serão produzidos dentro de um contexto no qual há a luta por um poder e, por isso, a ideia de que haja objetividade no discurso é falsa, considerando que dentro dessa construção discursiva haverá uma hierarquia de poder, reforçando aqueles que são mais poderosos e diminuindo a influência daqueles que são contrários ao que o poder hegemônico determina (p. 224). No caso do colonialismo, os ideais científicos, raciais, sociais, culturais e, principalmente, religiosos tentavam justificar a dominação dos povos colonizados. Essas justificativas deixaram seu legado direta ou indiretamente, dando o lugar central para o

colonizador e o marginalizado para o colonizado, pois como afirma Foucault (*apud* BONNICI, 2009), o “discurso é internalizado por nós, organizando o nosso ponto de vista do mundo e colocando-nos como um elo (inconsciente) na cadeia do poder” (p.225).

Bhabha (1998) afirma que um aspecto importante para o discurso colonial é o conceito de fixidez, sendo a sua principal estratégia discursiva o estereótipo, pois o último constrói uma ideia daquilo que deve ser ansiosamente repetido (p. 104). Porém, o autor afirma que é necessário reconhecer o estereótipo como um modo ambivalente de conhecimento e poder. A função estratégica do discurso colonial é a criação de um espaço para “povos sujeitos”, os quais têm a função complexa de estimular o prazer e o desprazer. Suas estratégias são legitimadas por meio da “produção de conhecimento do colonizador e do colonizado que são estereotipados” (p.111), porém avaliados em lados opostos. A ideia principal do discurso colonial, para Bhabha é “apresentar o colonizado como uma população de tipos degenerados, com base na origem racial de modo a justificar a conquista e estabelecer sistemas de administração e instrução” (p. 111). O estereótipo, para o autor, é uma simplificação porque “é uma forma presa, fixa, de representação que, ao negar o jogo da diferença (que a negação através do Outro permite), constitui um problema para a representação do sujeito em significações de relações psíquicas e sociais” (p. 117). Por isso, Bhabha, ao dialogar com Fanon, afirma que essa fixação funciona como uma diferença negativa nos discursos coloniais “onde quer que o negro vá (...) o negro permanece um negro” (FANON, *apud* BHABHA, p. 117), e essa fixação não permite que esse estereótipo tenha outra circulação ou outra articulação. Portanto, o discurso colonial funciona como um aparato do poder e essa recusa da diferença transforma o sujeito colonial em um desajustado. Por isso, para Bhabha (1992, in HOLLANDA) o estereótipo colonial é ambivalente, além de conter estratégias de individualismo e marginalização, para isso o estereótipo deve aparecer sempre em excesso, independentemente de sua lógica (p. 178).

Outro ensaio que aborda a questão do estereótipo é “O espetáculo do outro” de Stuart Hall (2016). Nesse ensaio Hall (2016) discute as representações estereotipadas do negro nos meios de comunicação de massa, argumentando que o estereótipo é uma forma hegemônica e discursiva de poder, já que, como afirma o autor “a diferença é ambivalente. Ela pode ser tanto positiva quanto negativa” (HALL, 2016, p. 160)

Para Hall (2016), as representações possuem um poder cultural e simbólico de marcar, classificar e hierarquizar o mundo em oposições binárias, separando e excluindo tudo o que é

diferente. Se algo está fora do lugar, esse algo é considerado contaminado, perigoso ou um tabu.

Outro ponto que aborda Hall (2016) é “o ponto de que a estereotipagem tende a ocorrer onde existem enormes desigualdades de poder” (p. 192) e essa estratégia é usada, em um grupo subordinado e excluído. Dessa forma, Hall nos expõe que o estereótipo “reduz, essencializa, neutraliza e fixa a diferença” (p. 191) implantando uma estratégia de “cisão” a qual divide “o normal e o aceitável do anormal e inaceitável” (p. 191), por isso, outra característica da estereotipagem é fixar os limites e excluir tudo aquilo que não lhe pertence (p. 192), com o objetivo de atingir a hegemonia, ou seja, “uma forma de poder baseada na liderança de um grupo em muitos campos de atividade de uma só vez, para que sua ascendência obrigue o consentimento generalizado” (p. 193).

Da mesma forma, Loomba (1998) afirma que o estereótipo é uma forma reducionista e maleável de imagens e ideias, dessa forma, a função dos estereótipos, para a autora, é perpetuar uma sensação artificial de diferença entre “eu” e “outros” (p. 55). A autora sugere que as representações do “outro” variam de acordo com as exigências do domínio colonial. E os discursos europeus sobre os africanos deixam bem claro que, antes mesmo que a escravidão começasse, os estereótipos racistas já existiam e, de fato, em diversas situações coloniais esses estereótipos serviam como justificativas para os diferentes tipos de exploração (p. 98). É importante destacar que, apesar de muitos desses estereótipos terem sido postos em prática durante o colonialismo, muitos deles ainda sobrevivem, mesmo depois de terem ocorrido mudanças nas estruturas econômicas. Loomba (1998) expõe que, com a expansão colonial europeia, as ideias voltadas aos estereótipos foram intensificadas, expandidas e retrabalhadas devido aos interesses da época. Dessa forma, características como

preguiça, agressão, violência, ganância, promiscuidade sexual, bestialidade, primitivismo, inocência e irracionalidade eram atribuídas (muitas vezes contraditória e inconsistentemente) pelos ingleses, colonos franceses, holandeses, espanhóis e portugueses a turcos, africanos, nativos americanos, judeus, indianos, irlandeses e outros. Também vale a pena observando que algumas dessas descrições foram usadas para populações da classe trabalhadora ou mulheres na Europa. (LOOMBA, 1998, p. 95)

Dessa forma, o estereótipo surge exatamente quando há o contato entre diferentes grupos, seja de ordem geográfica, racial, sexual, religiosa, entre outros. No século XX muito dos estereótipos foram reforçados e ocasionaram em segregação e dominação de povos, como o

Apartheid na África, o ideal de supremacia racial dos nazistas ou a segregação racial nos Estados Unidos.

Já na sociedade pós-colonial, para Bhabha (1998), muito se é questionado sobre esse novo sujeito que aparece, ele é angustiado e fragmentado. Nós vivemos uma “ética da autoconstrução”, ou seja, o sujeito vive em um sempre reconstruir-se, em um eterno reinventar o seu eu.

Em *Desmedida*, o sujeito, dentro de seu contexto pós-colonial, está em um sempre se reconstruindo em suas leituras e lugares onde visita, pois são essas ações que lhe permitem questionar-se, compreender o meio de onde veio e, conseqüentemente, compreender a si mesmo, pois o seu ser está ligado ao estar.

Um exemplo é no capítulo 19 “Quem era quem”. Nesse capítulo o cronista questiona a independência do Brasil “mas a primeira questão, que é a de quem era quem nessa luta dos brancos do Brasil contra os brancos de Portugal numa terra onde quem os tinha recebido eram os índios... É... Para angolano fica difícil entender. Não é a mesma coisa” (CARVALHO, 2010, p. 247). Ele segue escrevendo sobre como o brasileiro, ao longo dos anos, foi criando uma visão *soft* sobre o português e o desprezo inicial gerado após a independência, transformou-se “bem à maneira do jeitinho brasileiro, do desdém tolerante que até hoje envolve por exemplo as estórias de português com que o brasileiro insiste sempre” (CARVALHO, 2010, p. 248). O sujeito de *Desmedida* aponta esses aspectos com certa estranheza, mas ao relacionar com Angola, fala de si.

Do culto da raiva e nojo ao colono português, o colono vermelhinho cá da banda também nós experimentamos com entusiasmo generalizado, mesmo da parte de angolanos brancos, e guardamos disso uma pungente memória. É difícil perdoar a quem chega faminto à terra dos outros e vira, pelo simples fato de pisar os trópicos, capataz de negros filhos às vezes de reis, saídos direto de linhagens e ilustres de aristocracias locais para condição de escravos ou de contratados avulsos, não é, seu Paulino Kia Samba, meu muito estimado amigo e assim tão nobre gangela? (CARVALHO, 2010, p. 249)

É ao se encontrar com o outro brasileiro que o cronista percebe uma forma estranha e brasileira de lidar e enfrentar o passado histórico. E sendo o seu olhar o de um angolano, da mesma forma, ele observa como tem em si o sentimento de revolta pelas ações dos colonizadores do passado que estiveram em Angola.

3.4 A reescrita pós-colonialista

Bonnici (2009) afirma que o pós-colonialismo iniciou-se no século XX num infeliz panorama composto por “dezenas de povos e nações submetidos ao colonialismo europeu, por milhões de negros, descendentes de escravos, especialmente nos Estados Unidos e na África do Sul, discriminados em seus direitos fundamentais” (p. 226). Este momento desenvolvia-se em um contexto patriarcal, o poder político econômico nas mãos dos brancos, cristã e rica em países industrializados.

Esse foi um movimento que demonstrou uma “consciência da subjetividade político-cultural e da resistência de povos e nações contra qualquer tentativa para manter a objetificação ou iniciar uma nova modalidade de independência” (p. 226).

Bonnici (2009) comenta sobre um processo que Spivak chamou de *worlding*, ou seja, a forma como a colônia passou a existir como parte do mundo eurocêntrico (p. 230). Em consequência desse processo “a grande quantidade de textos, incluindo mapas, pinturas, frontispícios de livros, sobre o Brasil nos séculos XVI e XVII e publicados na Europa, formou, no imaginário europeu, um conjunto de conceitos sobre a América Portuguesa” (p. 230). O segundo tipo de *worlding* descrito por Bonnici (2009) é o “passeio do europeu pelo país colonizado” (p. 230). Nesse segundo caso, o europeu tem registro dessas ações em fotos ou pinturas em que aparecem os soldados ingleses, por exemplo, caminhando pelo território dominado. O autor cita a Carta de Pero Vaz de Caminha, em que o “escrivão de Caminha descreve os ‘passeios’ dos portugueses pelas praias baianas, impondo na mente dos indígenas a supremacia do branco colonizador” (p. 230). Já a terceira modalidade citada pelo autor refere-se à “degradação sistemática do nativo” (p. 230), ou seja, a intenção nesse terceiro caso é degradar a imagem do nativo, expondo logo nas primeiras páginas dos livros as cenas de antropofagia, nudez, ateísmo, preguiça ou selvageria, sensualidade e ignorância que tornam-se defeitos constantes vistos e registrados. Essa imagem “foi o gatilho psicológico para a rapinagem da colônia em todos os sentidos” (p. 231). É a partir desse fator que a crítica pós-colonial ao abranger a literatura e a cultura, com a intenção de desnudar os efeitos do colonialismo reivindicando-se, de acordo com Bonnici (2009), “perante a tensão com o poder colonial e diante das diferenças com os pressupostos do centro imperial” (p. 232). Porém, muitos dos textos produzidos na colônia eram escritos por representantes do poder colonizador. Bonnici (2009) assinala três etapas nessa produção brasileira. A primeira são os textos e reportagens sobre o Brasil

com detalhes sobre costumes, fauna, flora e língua, privilegiam o centro em detrimento da periferia, porque visam exclusivamente ao lucro que a metrópole terá com a invasão e a manutenção da colônia. As descrições de Fernão Cardim, em *Do clima e terra do Brasil* (edição inglesa de 1625), Jean de Lèry, em *Viagem à terra do Brasil* (1578), e Gabriel Soares de Sousa, em *Tratado descritivo do Brasil* (1587), com sua pretensão de objetividade sobre frutas tropicais, esmeraldas, rios e outros temas, como também a atomização dos objetos descritos pelos pintores e botânicos holandeses, como Albert Eckhout, Willem Piso, Johann Nicohoff e Georg Marcgraff, escondem o discurso imperial. (p. 233)

A segunda etapa é composta pelos textos literários escritos pelos nativos que receberam sua educação na metrópole e sentiam-se gratificados por poder escrever na língua do europeu. Esses textos recebiam ficavam sob supervisão imperial. Como exemplo, temos *A prosopopéia* (1601), de Bento Teixeira, e *O Uruguai* (1769), de Basílio da Gama.

A terceira etapa constituiu-se a partir de um certo grau de diferenciação até atingir a total ruptura, afirma Bonnici (2009). Inicialmente, constituíam-se a partir de um nível de “bajulação” do europeu, usando o estilo literário português, com temas brasileiros, um exemplo desse cenário literário é o autor José de Alencar que para Wander Melo Miranda (2010), no caso de *Iracema*, por exemplo, “estaria propondo uma narrativa pedagógica da nação, no sentido de uma renegociação constante do princípio que reafirma o interesse geral contra os interesses particulares, o bem comum contra o privilégio” (MIRANDA, 2010, p. 31). A intenção do romantismo do século XIX era romper com os modelos eurocêtricos, uma proposta que se estagnou na tentativa, pois hoje podemos perceber que o modelo europeu continuou a operar na estética romântica. Para Bonnici (2009) esse modelo só conseguiu ser alterado por meio da conscientização pós-republicana, com Machado de Assis, por exemplo, e depois com o modernismo quando “ocorre uma guinada completa do estranhamento e afastamento da literatura brasileira dos parâmetros metropolitanos” (p. 233).

Nesse contexto, com o cânone literário sendo produzido ou supervisionado por europeus devido aos interesses de determinados grupos poderosos, Bonnici (2009) cita a releitura como uma forma de reinterpretar essas produções e identificar os efeitos do processo de colonização garimpando suas implicações colonialistas e mostrando o processo colonial. Essa reinterpretação é uma forma de reler os textos provenientes das culturas da metrópole e da colônia “para focalizar os efeitos incisivos da colonização sobre a produção literária, relatos étnicos, registros históricos, discursos científicos e anais dos administradores coloniais” (p.

234). O teórico também escreve sobre a releitura que por sua vez é um processo que ao selecionar um texto canônico por meio de “recursos da paródia produz uma nova obra escrita do ponto de vista da ex-colônia” (p. 236). “A reescrita faz parte do *contradiscurso*, originalmente usado por Terdiman (1985) para demonstrar os métodos empregados pelo discurso de periferia contra o discurso dominante do centro imperial” (p. 236, grifo o autor). A reescrita, de acordo com Bonnici (2009), objetiva questionar os vários temas que envolvem o discurso hegemônico e, dessa forma, torná-lo “descoberto” e desmistificar os pontos das obras literárias que reforçam o pensamento colonial.

Dessa forma, a releitura é capaz de levantar um ímpeto revisionista o que reflete na proposta de Ruy Duarte de Carvalho, um autor pronto para ler, reler e reescrever. Refazer as pegadas de autores e personagens, logo que a proximidade entre paisagens, a seu ver, era muito semelhante àquelas que ele conhecia. É o que afirmou em entrevista ao *Jornal das Letras* em 2007,

essa viagem, como programa ou como ficção de narrativa a haver, não esteve nunca destinada a procurar encontrar. Ela só se impôs quando a dada altura vi que dava para querer ir curtir e ver, ir ver, em Minas Gerais, se os sorrisos, agora lá, rimavam ainda com os que eu tinha andado a vida inteira a decifrar em livros brasileiros?¹⁰

Porém, em contrapartida aos discursos já conhecidos dos antigos navegadores que estiveram no Brasil de acordo com Rita Chaves (2006) em seu ensaio “*Desmedida: para além das paisagens*” não será na obra de Ruy Duarte de Carvalho que encontraremos as marcas do impacto que presidem os textos sobre descobertas e todo o sentimento envolto na novidade de conhecer algo. A autora nos mostra que se há uma expressiva adjetivação, no texto de Ruy Duarte de Carvalho, ela se dá pelo contato constante com o inesperado e da possibilidade de, na escrita, organizar e elaborar um conhecimento que se iniciou há muito tempo, por isso, toda a descrição que encontramos em sua obra ultrapassa o jogo descritivo e faz parte de um jogo argumentativo tecido na obra.

Rita Chaves (2006) ainda acrescenta que o projeto de texto de *Desmedida* dilui fronteiras entre os gêneros e se constrói por meio de rupturas “o que proporciona a reelaboração de referências” (p. 286) que foi construindo ao longo da vida.

10NUNES, Maria Leonor. *Desmedida* de Ruy Duarte de Carvalho. *Jornal das Letras, Artes e Ideias*. 30 de janeiro de 2007. Disponível em <<<http://angolaharialiterharia.blogspot.com/2007/01/desmedida-de-ruy-duarte-de-carvalho.html>>>>>. Último acesso em novembro de 2018.

ao longo da vida, sempre fui mantendo o Brasil como paixão, ancorado numa condição periférica de angolano excêntrico em que apesar de tudo consegui manter-me coexistindo sempre com meia dúzia de referências, nomes de autores, personagens brasileiras, e painéis inteiros de paisagens que confundi com as minhas. (CARVALHO, 2010, p. 70-71).

O Brasil é o lugar onde o cronista percebe a possibilidade de rever suas paisagens, de inventar, de conferir aquilo que foi lido no passado. E o que foi lido e estudado no passado tem a sua devida importância. Um passado colonial não pode ser esquecido e esse é o papel do escritor. Angola viveu um contexto problemático no pós-independência. Durante a colonização portuguesa acreditava-se que a descolonização traria a paz e a liberdade, porém o país ainda passou por abusos do estado, domínio econômico estrangeiro e por outras limitações sociais, principalmente, sobre os grupos minoritários. O futuro de libertação fazia-se incerto, portanto, no presente cabia pensar e reescrever com uma postura crítica o que foi produzido na época da colonização, propondo novas leituras daquilo que já foi escrito. Para Antoine Campagnon (1996) “escrever, pois é sempre reescrever” (p. 41), dessa forma, quando o cronista lê e refaz os caminhos dos viajantes europeus, ele está rescrevendo sobre suas leituras e sobre Brasil e Angola.

Foi o ouro e a prata, Paulino. Os brancos vieram pela primeira vez por aí abaixo, ao longo da costa da África, em barcos grandes, foi à procura do ouro e da prata nas feiras mantidas e controladas por poderes africanos locais, dizem os mestres. Os portugueses precisavam de ouro para lidar com o resto do mundo, quer dizer, com a Europa desse tempo. (CARVALHO, 2010, p. 285)

Carvalho (2010) no trecho acima retoma o momento histórico de quando Portugal encontrava-se em crise e o ouro retirado do Brasil sustentava o país. O ouro recolhido naquela época para Carvalho (2010) era usado para lidar com a Europa e por isso muito foi desperdiçado e usado de forma inconsequente. Mas essa naquele período, conta Carvalho (2010), quando precisavam, os portugueses sempre recorriam a esse ouro. Outra fonte de exploração que tinham era o comércio de pessoas que escravizavam—“esses escravos passaram a ser desembarcados como mercadoria regular em Lisboa e a ser destinados, primeiro, às economias domésticas das famílias ricas de Portugal e Espanha (...)” (CARVALHO, 2010, p. 287). Carvalho (2010) destina essa fala para o angolano Paulino ou poderíamos afirmar que ele destina recontar a história para os angolanos para lembrá-los do passado? Esses são alguns dos propósitos da reescrita, lembrar, provocar a crítica.

3.5 Conhecendo Teodoro Sampaio

O cronista de *Desmedida* vem ao Brasil e insere atores em suas histórias como Richard Francis Burton ou Blaise Cendrars. Por isso, aos poucos, ele constrói um trajeto entre memória, história, viagem e antropologia, procurando em seu texto cruzar entre Angola e Brasil tradições culturais advindas de territórios nativos e do ocidente. Um exemplo está no capítulo “Burton’s (escrito num hotel em Três Marias, Minas Gerais)” (p. 145). Nesse capítulo, conta-se que Burton, quando estava no Brasil, a procura de pedras, não resistiu e também saiu a procura de inscrições rupestres e pagou a dois rapazes para serem seus guias.

Já no fim da viagem, para lhe servirem de guias, está informado sobre tudo o que já nessa altura se assinalou e inventariou no Brasil sobre testemunhos do passado pré-colonial. No seu livro ele refere até que o imperador se deu o trabalho de coligir todas as informações correntes acerca de rochas gravadas, a muitas das quais, aliás, atribuiu uma origem quilombeira, de escravos fujões organizados em comunidades autônomas e encapsuladas. E aí Burton acha que não pode ser, já que ‘os africanos em sua terra ignoram toda espécie de escrita’... Não lhe passa pela cabeça, é o que dá vontade de inferir, que os negros transferidos para o Brasil ou já aqui nascidos e depois rebeldes pudessem entretanto ter aprendido a escrever ou menos inventado uma qualquer escrita, secreta até, que pudesse convir-lhes. (Não é por nada nem eu me atreveria a meter foice em tal seara, mas também é impossível, para um leigo como eu, não achar parecidas as reproduções que Burton faz das inscrições que encontrou com alguns dos grafites que abundam nos muros e nas paredes de certos prédios de São Paulo, por exemplo). (CARVALHO, 2010, p. 152)

Na citação acima, podemos ver uma crítica observação sobre como Burton subestimava os negros africanos em sua época. O cronista nos mostra que Richard Francis Burton já possuía muitas informações referentes ao passado colonial do Brasil, mas discorda do antigo imperador e afirma que as marcações gravadas nas rochas não poderiam ser de negros, pois estes ignoravam a escrita ou não seriam capazes de utilizá-la. Ruy Duarte questiona a afirmação já antes questionada por Burton. Ruy Duarte relê, investiga e reescreve. Ele argumenta que as inscrições registradas por Burton são semelhantes àquelas que encontrou nos muros de São Paulo. Carvalho (2010) é capaz de evidenciar o olhar do inglês sobre os negros africanos, vemos a presença do estereótipo sobre os negros africanos na visão de Burton, percebe-se que Carvalho (2010) destaca como o pensamento do europeu estava aliando a escrita a algo alheio para os quilombolas.

Outro exemplo de releitura feita nas crônicas de *Desmedida* estão no movimento da viagem, as deslocções do cronista que vive e revive de maneira sutil as narrativas oficiais do

colonialismo e do pós-colonialismo, como ao contar aos leitores sobre Teodoro Sampaio, um engenheiro nascido na Bahia.

O engenheiro Teodoro alforria os irmãos. Vertiginoso, no mínimo. Teodoro alforria os irmãos e está assim a protagonizar uma situação típica no quadro acabado daquilo que produz a mudança social, ou daquilo a que a mudança social conduz, o que é aliás a mesma coisa. Louvor, sem dúvida, ao coração de Teodoro. Mas tem muito mais aí. A situação de privilégio que goza em relação aos seus irmãos decorre inteiramente do reconhecimento da metade branca do seu sangue e coloca-o na situação incômoda de ser portador de dois sangues, aproveitando a vantagem que cabe a um deles num quadro social que, dominado embora por brancos, reconhece já, sem hesitações de maior, a insustentabilidade da escravatura... Ele não pode, sem escrúpulo, aproveitar a situação que lhe dá acesso à condição de engenheiro “branco” enquanto os seus irmãos continuam escravos de brancos... Mas pode, pelo contrário, aproveitar-se, enquanto pessoalmente se compensa assim da incomodidade em que a situação o coloca, para atuar, munido dessa vantagem e recorrendo a ela, a favor da condição de seus irmãos de sangue... (CARVALHO, 2010, p. 190)

Essa afirmativa de Ruy Duarte de Carvalho a respeito de Sampaio entra em consonância com o pensamento de Franz Fanon (2008) em seu livro *Pele negra, máscaras brancas*, quando explana que “por mais dolorosa que possa ser esta constatação, somos obrigados a fazê-la: para o negro, há apenas um destino. E ele é branco” (p. 28). Ruy Duarte de Carvalho reconhece que a condição privilegiada de Sampaio, pois tinha uma característica que o deixava menos negro e isso lhe permitia trabalhar, frequentar ambientes sociais da elite paulista e, finalmente, alforriar os seus próximos. Fanon (2008) ainda afirma que um antilhano que se exprime bem é muito temido, é preciso ter cuidado com ele, pois é um quase branco. Característica essa que enquadra-se a Teodoro Sampaio, devido a miscigenação, é quase um branco, que, de acordo com o posicionamento do cronista, ficava incomodado com o lugar que se encontrava. Afinal, o colonialismo deixou como herança uma mistura de povos, culturas e identidades, enfim, deixou como resultado a condição do sujeito híbrido, principalmente no Brasil. A própria procura de Ruy Duarte de Carvalho por seu lugar, para entender a si mesmo perpassa por essa condição de branco, nascido em Portugal, que optou pela cidadania angolana. Para Ruy Duarte, o encontro com o caso de Teodoro Sampaio é surpreendente, como detalha em sua obra:

O caso de um engenheiro que, a par do lugar proeminente que ocupa nas arenas do progresso e da modernização, se empenha junto aos senhores de engenho para ver se consegue alforriar irmãos seus, escravos e negros. Implicando em questões de cor de pele durante a vida inteira, não consigo deixar de deter-me num fenômeno assim tão imediatamente perturbador e à dimensão da desmedida brasileira. (CARVALHO, 2010, p. 189).

O cronista mostra-se entusiasmado com a história de Teodoro, um miscigenado que parte para a cidade grande, estuda entre os brancos, passa a integrar uma parte da elite paulista e volta para casa, revê a mãe e os irmãos e compra-lhes a carta de alforria “Teodoro Sampaio alforria os seus irmãos, negros e escravos! É mesmo demais e é Brasil! E eu vou atrás...” (CARVALHO, 2010, p.188).

Teodoro Sampaio (1855-1937) nasceu e viveu na época de uma recente queda de império e em meio à escravidão. Ele era filho de uma descendente africana e a marca de sua diferença estava na pele e, conseqüentemente, sempre presente nas negociações identitárias. Por isso, não é estranho que a identidade seja uma problemática muito questionada por autores que presenciaram a colonização dos próprios países, como o intelectual Homi K. Bhabha nascido na Índia com formação na Inglaterra que, ao analisar o colonialismo, declara que a opressão colonial traz questionamentos sobre muitas das ideais ocidentais, contestando, principalmente, a forma que a história é registrada de tempos em tempos como um todo progressivo e ordenado (BHABHA, 1998, p. 72).

De acordo com Bhabha (1998) no contexto pós-colonial a identidade é constantemente questionada e confrontada pela sua diferença, seu Outro colonizador (1998, p. 79), por isso o Outro se torna uma maneira de se observar, um espelho para a própria identidade, na qual as fronteiras culturais se encontram e se reconhecem, mesmo com o embate entre as alteridades. Por isso, não poderíamos pensar nas identidades do colonizador e do colonizado separadamente, mas sim como constituintes, considerando que fazem parte de um outro que se encontram na representação da identidade.

Para o sujeito colonial, “existir é ser chamado à existência em relação a uma alteridade, seu olhar ou *locus*” (BHABHA, 1998, p. 76), logo que é sempre no papel do Outro que podemos reconhecer as vontades e a subjetividade do sujeito que vive as conseqüências da colonização, já que essa condição lhe é imposta pela presença e autoridade do colonizador.

Teodoro Sampaio foi um engenheiro reconhecido na sociedade paulista, o primeiro a mapear a região da Chapada Diamantina, ele era “diferente” aos olhos da elite. Bhabha (1998) discorre a respeito da alteridade colonial como o “artifício do homem branco inscrito no corpo do homem negro”, dessa forma “a questão da identificação é sempre a produção de uma imagem de identidade e a transformação do sujeito ao assumir aquela imagem” uma vez que “não é o Eu colonialista nem o Outro colonizado, mas a perturbadora distância entre os dois que

constitui a figura da alteridade colonial” (BHABHA, 1998, p. 76). Por isso, Teodoro Sampaio torna-se tão importante para as crônicas de *Desmedida*, afinal é um ponto de reflexão sobre a identidade no período pós-colonial e no período da escravidão no Brasil. Sampaio tornou-se parte da elite de São Paulo para depois voltar aos seus e levar a carta de alforria, mas para isso teve que se “embranquecer.”

Teodoro trabalhado como professor em colégios e amealhado então, ao que parece, algum dinheiro, a primeira coisa que faz depois de formar-se, com 22 anos, é ir ao engenho Canabrava, onde nasceu, ver a mãe e seus irmãos negros, que são escravos. E no ano seguinte, compra logo a carta de alforria de um deles, Martinho. E em 1882, quando já é engenheiro de primeira classe, compra a de Ezequiel. E dois anos depois anda ainda a ver se interfere na libertação do terceiro, Matias. (CARVALHO, 2010, p. 188).

É possível notar que o interesse do cronista por Teodoro Sampaio¹¹ acontece, principalmente, pela sua história e pela sua diferença, por ocupar vários lugares e por retornar ao ponto inicial e levar consigo a carta de alforria que libertava os seus parentes.

Ruy Duarte de Carvalho, em *Desmedida*, escreve sobre suas impressões ao pensar em Brasil e Angola na mesma situação imperial afirma que:

Fico-me pelas interrogações que a viagem me suscita e, para poder também eu seguir em frente, inscrevo tudo nessa aritmética e cômoda evidência de que todos nós, angolanos e brasileiros, negros, índios, brancos ou de qualquer outra marca, somos todos, hoje, produto do fenômeno colonial ou filhos da expansão ocidental. Tivemos independências diferentes, tivemos histórias também diferentes tanto antes das nossas independências como depois delas, mas fazemos também todos parte, embora sem dúvida cada um à sua maneira, da mesma substância que borbulha no caldeirão dos nossos futuros comuns ou diferenciados, incluindo o indígena mais ornamentado do mais remoto daqueles grupos à volta dos quais os ecologistas andam a montar barreiras. Existimos todos, hoje, na decorrência de uma colonização que foi dando sumiço àqueles que da maneira como viviam não tinham

11Na dissertação *O rio São Francisco e a Chapada Diamantina nos desenhos de Theodoro Sampaio*, Ivoneide de França Costa (2007) afirma que no final do século XIX, o Conselheiro Cansanção de Sinumbú, que já fora primeiro-ministro do Brasil no ano de 1878, organizou a comissão Hidráulica do Império, com o objetivo de melhorar o Porto de Santos e a navegação do país, além de preparar profissionais brasileiros para trabalhar em com problemas identificados durante a expedição. Após esses estudos no Porto de Santos, a comissão foi para o interior do país, iniciando uma navegação em torno do rio São Francisco. Então, foi em 12 de agosto de 1879 que deu início a viagem que percorreria a ligação do rio São Francisco com o Atlântico em Alagoas indo até Pirapora em Minas Gerais. Esse trajeto foi concluído em 17 de dezembro do mesmo ano. Logo após a realização desse percurso, foi pedido a Teodoro Sampaio que fizesse uma travessia pela Chapada da Diamantina e pelos sertões que seguiam pelo território baiano e, durante essa expedição, Teodoro anotou e registrou em seus diários suas impressões que se encontram arquivadas no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (p. 15).

maneira de resistir, servimo-nos da mesma língua oficial, invocamos lusofunias de hoje que já foram lusotropicalismos antes, somos todos do hemisfério sul, com a cor geopolítica comum que isso comporta, e temos negócios correntes, estamos vivendo em tempos comuns e tempos diversos do mesmo processo universal, global. Nós estamos é juntos, Paulino, no *vaivém* das balsas, atlânticas até. (CARVALHO, 2010, p. 251-252)

O intelectual compreende que Brasil e Angola são frutos de uma mesma expansão colonialista e que apesar de esses países terem uma história diferente, maior parte de sua cultura origina-se do controle imperialista de uma mesma metrópole. Dessa forma, durante a viagem, é pelo espaço e pela paisagem que o cronista percebe-se em um mundo que, apesar das diferenças, possui suas contiguidades devido ao processo de expansão do ocidente. Por isso, a viagem possibilita o encontro com uma paisagem e um espaço que promovem uma reflexão sobre um terreno bastante visitado que foi o Brasil.

É importante ressaltar que, ao vir para o Brasil, o cronista assume sua posição de angolano e estrangeiro, por isso, reflete em seu texto questionamentos que aparentemente não são apenas dele, mas também de outros angolanos:

Mas à primeira questão, que é a de quem era quem nessa luta dos brancos do Brasil contra os brancos de Portugal numa terra onde quem os tinha recebido eram os índios... É... Para angolano fica difícil de entender. Não é a mesma coisa. Mas você não vê também como é que foi cá, logo ao princípio. Você próprio não andou a combater comandado por comandantes angolanos brancos, esse general Farrusco e outros, perguntava primeiro onde é que tinham nascido? (CARVALHO, 2010, p. 247)

É certo que Angola e Brasil tiveram históricos de colonização diferentes. Por isso, o cronista demonstra em conversa com Paulino que o contexto de independência do Brasil, para o seu ouvinte, provavelmente, seria confuso. Ao irmos um pouco mais além, podemos notar que nessa citação há uma crítica aos dois processos de independência: no Brasil, os próprios portugueses lutaram pela independência e, em Angola, o próprio personagem angolano já combateu ao lado dos brancos.

Considerações finais

Estamos é juntos, no vaivém das balsas...

Ruy Duarte de Carvalho

Desde a chegada de Cristóvão Colombo ao “Novo Mundo”, iniciou-se no continente o processo de colonização europeia e, na contemporaneidade, a crise de identidades socioculturais é um dos resultados dessa invasão. Por isso, a dominação extrapolou as fronteiras territoriais abrangendo também o âmbito social, cultural e político.

Em relação aos processos identitários, na América Latina, vários intelectuais abordaram os diferentes resultados causados pelo impacto entre culturas provocados pela da ocidentalização, aculturação, transculturação, heterogeneidade cultural, globalização e hibridismo.

Uma das estratégias europeias durante a época da colonização era impor ao novo continente a homogeneidade cultural com a intenção de construir uma “nova civilização” na crença numa unidade racial, religiosa, social e política.

O narrador de *Desmedida*, em sua condição de angolano, branco, nascido em Portugal, sente a necessidade, por várias vezes, de retornar a um passado histórico para encontrar respostas. Nesse processo, a releitura e a reescrita exercem o papel principal para esse sujeito.

Poeta, ficcionista, artista plástico, antropólogo e cineasta, Ruy Duarte de Carvalho classificou sua obra *Desmedida* como “meia-ficção-erudito-poético-viajeira”. Dessa forma, o deslocamento do narrador de Ruy Duarte aponta direções, não só geográficas, como também literárias numa obra que propõe um encontro com diversos escritores, paisagens e histórias.

Na epígrafe de *Desmedida* “...estamos é juntos, no vaivém das balsas...” a aproximação entre Angola e Brasil já é destacada inicialmente pelas reticências que indicam diálogos do início ao fim. Dessa forma, percebemos como o caminho literário torna-se um entrecruzar entre Brasil e Angola, mediante a releitura de vários escritores, historiadores, bandeirantes e intelectuais, principalmente brasileiros e estrangeiros que escreveram crônicas sobre o Brasil.

Há ainda para a construção do roteiro, a presença dos autores como Richard Francis Burton (1821-1890) e Blaise Cendrars (1887-1961). E demais viajantes que estiveram em terras brasileiras ou africanas como Teodoro Sampaio, António de Oliveira de Cadornega, Américo

Vespúcio, Manuel da Nóbrega, um sacerdote jesuíta português, de quem as cartas enviadas a Portugal são documentos históricos sobre o Brasil colônia e a ação jesuíta no século XVI. , dentre tantos outros mencionados pelo narrador – não nomeado – de *Desmedida*. O diálogo entre literaturas é o que direciona a escrita desse livro de viagem.

Dessa forma, contrariando o posicionamento eurocêntrico das antigas leituras sobre o Brasil, o sujeito de *Desmedida* destaca-se por buscar, na literatura, referências para a para sua visão, porém des-emoldurando o que já foi escrito, adotando a postura de um antropólogo angolano, situando-se entre fronteiras brasileiras, angolanas e portuguesas, sempre atento à alteridade. Rita Chaves (2007), ao falar sobre a obra de Ruy Duarte de Carvalho ressalta que essa é uma obra que fascina devido ao seu caráter plural e diversificado e nesse “jogo com essa diversidade de linguagens e estilos o autor afirma uma de suas obsessões: Angola nos últimos trinta anos, um mundo que é ao mesmo tempo fonte de angústia e de inspiração” (p. 337). Por isso, para esse sujeito angolano, mesmo tendo vindo ao Brasil para conhecer seus sertões e literaturas, Angola sempre se fez presente em suas reflexões.

Para Bhabha (1998), a identidade tem-se tornado problemática de modo que o empoderamento das minorias e o surgimento das novas vozes históricas pode desarticular o binarismo colonial, de forma que o sujeito já não é mais visto como uma identidade estável. Por isso, faz-se necessário pensar em subjetividades construídas nos processos de diferenças culturais, de forma que as relações binárias encontram-se em um lugar intersticial, fazendo com que; o sujeito africano represente um hibridismo, uma diferença interior, um sujeito que habita a borda de uma realidade intervalar (...) unindo casa e mundo (p. 35). A “diferença interior”, a “realidade intervalar” e o hibridismo assinalam a posição que o sujeito de *Desmedida* ocupa em terras brasileiras, pois ele atua fora da perspectiva binária, questiona sua história e pretende ir de encontro com sua diferença.

Entre as paisagens que o cronista visita, o ser está ligado ao local. É um ser que, na diáspora, procura a sua terceira margem – do rio.

E às paixões, às paisagens literárias dos Sertões de Guimarães Rosa e de Euclides, e tudo pelo São Francisco abaixo, situável ao longo do São Francisco, eu de Luanda a Barra do Rio Grande, ou mais longe ainda, a procura da *terceira margem* de mim mesmo, pois então... (CARVALHO, 2010, p. 53 – 54, grifo do autor)

O sujeito descentralizado e fragmentado, que propõe uma viagem com textos e narradores, o “eu” percebe-se em meio a um “nós”, tudo que ele faz parte desse itinerário, com a viagem ele pode deparar com as memórias de suas leituras sobre outros viajantes. O “Eu” percebe-se disposto a conhecer uma pequena parte do mundo, do sertão e deixa-se levar pelo ambiente. Por isso, há o encontro da escrita, paisagem, cultura, localidades e, além disso, a obra consegue transitar entre identidade, geografia e literatura. As crônicas interligam-se em um emaranhado de releituras e reescritas dentro de um contexto pós-colonial, fazendo com que o recontar seja o texto.

Há nas crônicas de Ruy Duarte de Carvalho um trabalho de volta aos antigos viajantes que fizeram o mesmo percurso que o narrador faz no Brasil. De início, entende-se o desejo de se aproximar do caminho de outros intelectuais. Apesar de separados pelo tempo, em *Desmedida* há o encontro de intelectuais pela escrita. É dessa forma que o narrador consegue afastar-se de si para ter a experiência do outro. Essa postura é determinante para o processo de lembrar-se de suas leituras e reescrevê-las.

A releitura é a desconstrução das obras dos colonizadores, de nativos a serviço dos colonizadores e de escritores nacionais. *Desmedida* demonstra como o texto é contraditório em seus pressupostos de raça, civilização, justiça, religião. Põe em evidência a ideologia do colonizador. (BONICCI, 2009, p. 270). Na enunciação do narrador, discursos e viagens são questionados. A reescrita traça um papel importante para a construção do sujeito narrador na obra, como ele próprio afirma “outros autores viriam aliás confortar-me nas evoluções das minhas angústias criativas” (CARVALHO, 2008b, p. 52), ou seja, é o cronista questionando-se quanto aos outros autores lidos e, em um diálogo, evidenciando suas percepções.

A condição pós-colonial é um tema recorrente em sua obra já que os processos históricos são questões que afetam o mundo contemporâneo. Dessa forma, a releitura e a reescrita permitem um novo olhar - contrariando discursos hegemônicos - e uma autorreflexão. O narrador afirma: “vim cá e viajei experimentando sempre um sentimento de filho pródigo ciente daquilo enquanto pessoa deve ao Brasil pelo que desde muito cedo na vida o Brasil lhe deu a ler, a ouvir, a aprender, a ver e a imaginar” (CARVALHO, 2010, p. 397).

É um texto que passa por vários caminhos literários, mas que, ao mesmo tempo, traz reflexões as quais mostram que é na diferença que podemos nos reconhecer. De acordo com Canclini (2009) “para as antropologias da diferença, cultura é o pertencimento comunitário em

contraste com os outros” (p. 15), ou seja, é no contato com o outro que a diferença cultural é percebida. Essa questão levou-nos à discussão sobre alteridade, pois “é necessário considerar a alteridade como uma construção imaginada, que - ao mesmo tempo - enraíza-se em divergências interculturais empiricamente observáveis” (CANCLINI, 2009, p. 266). Por isso, ao reobservar histórias sobre Brasil e Angola, o Carvalho (2010) apoia-se no exercício do reconhecimento das diferenças e das semelhanças entre Angola e Brasil.

Nesse jogo de reescrita e reflexão, o cronista escreve e lê-se, tecendo um diálogo entre intelectuais, paisagens e tempo. É por meio do Outro que se reconhece e percebe-se também como Outro.

... fazendo eu parte, cívica, emotiva e intelectualmente, da categoria geral do OUTRO em relação à Europa, também por outro lado a questão do OUTRO, e dadas as condições fenotípicas e de origem que me assistem, tem feito sempre parte da minha experiência existencial e pessoal dentro do próprio contexto, africano e angolano, em que venho exercendo a vida e ofício..... isso me tem levado, para poder ver se consigo entender o mundo e entender-me nele e com ele, a identificar e a reconhecer uma multiplicidade de OUTROS..... (CARVALHO, 2008, destaque do autor)

De acordo com Canclini (2009) para compreender as convergências culturais que nos aproximam do Outro é preciso reconhecer a alteridade e quando o teórico disserta sobre esse assunto possibilita-nos pensar em *Desmedida* a partir dessas reflexões, pois Carvalho (2010) reconhece suas diferenças e o seu caráter fluido de que está sempre em modificação.

admitir que nos é inevitavelmente próprio e que desafogarmos no migrante, no diferente ou no transgressor – isto pode servir para libertar as forças libidinais positivas e as convergências culturais que nos aproximam dos outros. Pode tornar visíveis as semelhanças e talvez nos integrar apesar das diferenças. Talvez nos habilite a passar da exclusão à conexão, à intercomunicação. Finalmente, ao se reconhecerem as diferenças como construídas, é possível desfazê-las ou modificá-las. (CANCLINI, 2009, p. 266)

O desejo do narrador em entender o Outro e a si mesmo aparece juntamente à proposta de entender o Brasil:

explorar o São Francisco vindo eu da África, de Angola, na condição que é a minha e a dar-me a ousadia, muito pessoal, íntima às vezes, de tentar explicar-me pensando, fundamentando, acrescentando, inventando, as

minhas percepções sobre o Brasil e do que o Brasil me dá a ver, a ler, a curtir, a abominar do Brasil, do mundo e de mim mesmo. (CARVALHO, 2010, p. 149-150)

Portanto, a condição de português, europeu, branco, angolano possibilita que o desejo de encontro com sua terceira margem dê-se a partir do encontro com o outro brasileiro. E, como afirma Piglia (2012) em *Uma proposta para o novo milênio*, ao ressaltar que a visão de uma pessoa do país central é muito diferente da pessoa que vive à margem, às bordas da tradição cultural, pois “há uma certa vantagem, às vezes, em não estar no centro. Olhar as coisas desde um olhar levemente marginal” (p. 1). É esse olhar que permite o deslocamento das literaturas europeias, novas percepções por um novo viés. Assim, Ruy Duarte de Carvalho propõe outras leituras do passado e do presente, procurando uma perspectiva diferente na interseção entre literatura, antropologia, paisagem e a reescrita, em um eixo do hemisfério sul-sul.

O narrador de *Desmedida* vem ao Brasil, mas, durante a viagem, sempre reafirma e relembra Angola. Inclusive, a partir da segunda metade da obra, o narrador volta para casa, em Luanda com a intenção de reorganizar seus pensamentos. Lá encontra seu interlocutor ficcional Paulino Kia Samba. Ruy Duarte de Carvalho afirma em *Como se o mundo não tivesse leste* (2008) “um homem não deixa nunca sem mágoa um espaço que inventou e o inventou, uma nação que urdiu para si como escolha e amor ao chão” (p. 43). Por isso, foi possível ocorrer “a viagem que tivesse o São Francisco em conta e de um livro que não perdesse nunca de vista nem o lugar de onde eu estava a sair nem o lugar para onde, nem que só de mim para mim, onde quer que eu estiver, estarei sempre a voltar” (CARVALHO, 2010, p. 150).

Casa e mundo em Ruy Duarte de Carvalho apresentam-se como entre-lugar no solo brasileiro. O Brasil não é como Angola ou Portugal, porém constituiu-se de ambos os países, assim como o próprio narrador. Dessa forma, podemos encontrar um espaço heterogêneo e descontínuo no qual a enunciação do narrador apresenta várias experiências literárias e vividas.

O narrador é um “eu” entre leituras, palavras, histórias e paisagens, “branco assim como pareço ser, cidadão de Angola, mas nascido fora, como não aproveitar para tentar ver quem era e quem é o brasileiro aqui (...). E tudo que há de contiguidades e de simultaneidades entre Brasil e Angola” (CARVALHO, 2010, p. 53).

O narrador, aos poucos, desestabiliza a fronteira entre Brasil e Angola, aproxima os países e, através da viagem, procura entender, dentro de um espaço múltiplo, a multiplicidade de sua identidade. Em *O local da Cultura*, Homi K. Bhabha (1998) afirma que

O trabalho fronteiriço da cultura exige um encontro com “o novo” que não seja parte do continuum de passado e presente. Ele cria uma ideia do novo como ato insurgente de tradução cultural. Essa arte não apenas retoma o passado como causa social ou precedente estético; ela renova o passado, refigurando-o como um “entre-lugar” contingente, que inova e interrompe a ação do presente. O “passado-presente” torna-se parte da necessidade, e não da nostalgia, de viver. (BHABHA, 1998, p. 27)

Para concluir, para o cronista, apesar das diferenças, muitas semelhanças aproximam Brasil e Angola:

Acho mesmo que estamos juntos de tantas e tão evidentes maneiras que até uma vez mais pode parecer impertinência aludir sequer a isso. Estamos juntos enquanto produto histórico, substância da expansão e implicados em processos equivalentes de caldeação e de formação genética, antropológica, mestiça, linguística, social, comportamental e cultural. E, à partida, do mesmo lado, nos quadros das atuações hemisféricas, austrais, regionais e nacionais do presente, embora ocupando lugares completa e paradoxalmente distintos nalguns aspectos. E estamos juntos quanto a destinos coletivos e estaremos juntos em termos de sentido para o devir de toda espécie humana e do mundo. (CARVALHO, 2010, p. 397-398)

Portanto, *Desmedida* encontra-se com o que Bhabha (1998) ressalta ao afirmar que a “arte-mágica” reside em sua forma de “ver a interioridade a partir do exterior” (p. 38), uma vez que essa característica requer um afastamento do binarismo e, por consequência, aproxima-nos do híbrido e subverte as características homogeneizadoras do discurso colonial. Em *Desmedida* há um sujeito que ocupa um “entre-lugar” que traz em sua obra acontecimentos relidos, como pudemos ver em sua narrativa sobre Teodoro Sampaio, por exemplo.

É, dessa maneira, no entre-lugar, deslocando-se e constituindo-se como um cronista em trânsito, estrangeiro, permitindo-se uma viagem através do eixo sul-sul (Angola/Brasil), que Ruy Duarte de Carvalho fornece a si mesmo a possibilidade de criar um terreno para a elaboração de suas estratégias de “subjetivação - singular ou coletiva - que dá início a novos signos de identidade” (BHABHA, 1998, p. 20). É na possibilidade desses deslocamentos - físicos e literários - que suas histórias engendram o questionamento social e cultural que esse sujeito encontra-se inserido. Isso é o que permite que o cronista vá “além” e enxergue um “processo de significação através do qual afirmações da cultura ou sobre a cultura diferenciam, discriminam e autorizam a produção de campos de força, referência,

aplicabilidade e capacidade” (BHABHA, 1998, p. 63). É nesse espaço fronteiroço que o cronista articula a diferença, o deslocamento confrontado pela travessia, compreendendo-se como um outro vivendo às margens e elucidando a sua consciência de ser alteridade.

Afirmamos que esse recorte de leitura de *Desmedida* apenas aponta para um aspecto – a viagem –, outros há, entretanto, uma dissertação de mestrado requer a condução por um caminho. Vislumbramos outras possibilidades como o diálogo com a obra *Grande sertão: veredas*, ou *Os sertões* de Euclides da Cunha, além da possibilidade de uma análise política sobre as críticas que Ruy Duarte de Carvalho nos apresenta, pois o autor, provavelmente, consumiu uma literatura branca, ou seja, livros que apagaram o índio e o negro da literatura do país. Dessa forma, outros caminhos de leitura, ainda permanecerão abertos para novos projetos.

Referências bibliográficas

- ANTAC. *Relatório técnico: bacia do São Francisco*. Santa Catarina, LabTrans, UFSC, 2013.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7º edição, trad. Sérgio Paulo Rouanet, São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 222 – 232.
- BHABHA, Homi k. A questão do “outro”: diferença, discriminação e o discurso do colonialismo. Trad. Francisco Caetano Lopes Júnior. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Pós-modernismo e política*. Rio de Janeiro, ed. Rocco, 1992, p. 175-203.
- BHABHA, Homi k. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BONNICI, Thomas. Teoria e crítica pós-colonialistas. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. *Teoria literária: abordagens críticas e tendências contemporâneas*. Moringa: Edvem, 2009, p. 257-285.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.
- CANCLINI, Néstor Garcia. *Diferentes, desiguais e interconectados: mapas da interculturalidade*. Trad. Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro, UFRJ, 2009, p. 259-271.
- CANDIDO, Antonio et al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Ed. Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 13-22.
- CARVALHO, Ruy Duarte de. *A câmara, a escrita e a coisa dita... fitas, textos, palestras*. Lisboa: Cotovia, 2008b.
- CARVALHO, Ruy Duarte de. *Como se o mundo não tivesse leste*. Lisboa: Cotovia, 2008.
- CARVALHO, Ruy Duarte de. *Da tradição oral a cópia standard: a experiência de Nelisita*. Bualá, 10 de setembro de 2011. Disponível em <http://www.buala.org/pt/ruy-duarte-de-carvalho/da-tradicao-oral-a-copia-standard-a-experiencia-de-nelisita>>. Último acesso em novembro de 2018.
- CARVALHO, Ruy Duarte de. *Desmedida: Luanda, São Paulo, São Francisco e volta*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2010.
- CARVALHO, Ruy Duarte de. *Os papéis do inglês ou Ganguela do Coice*. São Paulo, Companhia das Letras, 2007.
- CHAVES, Rita. *Desmedida: o Brasil, para além da paisagem*, em Ruy Duarte de Carvalho. UNICAMP, Remate de Males, nº 26(2), julho/dezembro, 2016, p. 279-291.
- CHAVES, Rita. O passado e o presente na literatura africana. São Paulo, *Via Atlântica*, nº 7, outubro, 2004, p. 147-161.

CHAVES, Rita. Ruy Duarte de Carvalho: tradição. In: SANTILLI, Maria Aparecida; FLORY, Suely Fadul Villibor (org.). *Literaturas de Língua Portuguesa: Marcos e Marcas*. São Paulo: Arte e Ciência, 2007, p. 135-149.

COSTA, Sérgio. *Dois Atlânticos: teoria social, anti-racismo, cosmopolitismo*. Belo Horizonte, UFMG, 2006.

DELEUZE, Gilles. A literatura e a vida. In: DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. Tradução Peter Pal Pelbart. São Paulo: Ed.34, 2004, p. 11-16.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. Renato da Silveira. Salvador, ed. da EDUFBA, 2008.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1ª edição, 15ª impressão. NÃO tem data então ponha s/d.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: *O que é um autor?*. Lisboa: Passagens. 1992. p. 129-160.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. O espetáculo do outro. In: *Cultura e representação*. Apresentação e revisão técnica: Arthur Ituassu. Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro. Ed. PUC-Rio. Apicuri, 2016, p. 139-231.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 103-133.

HISSA, Cássio Eduardo Viana. *A mobilidade das fronteiras: inserções da geografia na crise da modernidade*. Belo Horizonte, UFMG, 2006.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Trad. Bernardo Leitão... [et. al.]. Campinas, Editora da Unicamp, 2003.

LEITE, Ana Mafalda Leite. Pós-colonial/ismo: conceitos e conflitos. In: GARCÍA, Flávio; MATA, Inocência (Orgs.). *Pós-colonial e pós-colonialismo: propriedades e apropriações de sentido*. Rio de Janeiro: Dialogarts Publicações, 2016, p. 65-70.

LEITE, Ana Mafalda. *Oralidades e Escritas nas literaturas africanas*. Lisboa: Edições Colibri, 1998.

LOOMBA, Ania. *Colonialism/postcolonialism*. New York: Routledge, 1998.

LORENZ, Günter W. *Diálogo com Guimarães Rosa*. In: COUTINHO, Eduardo F. (org.). Guimarães Rosa. 2ª ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. p. 62-97.

MACEDO, Tânia Celestino de. A presença da literatura brasileira na formação dos sistemas literários dos países africanos de língua portuguesa. *Via Atlântica*, n° 13, junho de 2008, p. 123-152.

MEMMI, Albert. *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

MIRANDA, Wander Melo. *Nações Literárias*. Cotia, SP, Ateliê Editorial, 2010.

MOREIRA, Vânia. O ofício do historiador e dos índios: sobre uma querela no Império. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, V. 30, n° 59, p. 53-72, 2010.

OLIVEIRA, Gabriel Pereira de. *O rio e o caminho natural: propostas de canais do São Francisco, aspectos físicos fluviais e dinâmicas políticas no Brasil Império*. Belo Horizonte, UFMG, 2015.

PIGLIA, Ricardo. *Uma proposta para o novo milênio*. Trad. Marcos Visnadi. Lisboa, Buenos Aires: Coletivo Chão da Feira, 2012. Disponível em . Acesso em novembro, 2018.

RIZZI, Kamila Raquel. *Relações Brasil-Angola no pós-Guerra Fria: condicionamentos internos e a via multilateral*. 2005. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais), UFRGS, Porto Alegre.

ROSA, João Guimarães Rosa. A terceira margem do Rio. In: *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro; Editora: Nova Fronteira, 1988, p. 32. 32-37.

RUTHERFORD, Jonathan. O terceiro espaço: uma entrevista com Homi Bhabha. In: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Trad. Regina Helena Froés e Leonardo Froes. Campinas, s/d, vol. 1, n° 24, p. 35-41.

SAID, Edward W. *Cultura e imperialismo*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo, Companhia de Bolso, 2011

SANTIAGO, Silviano. Por que e para que viaja o europeu? In: *Nas malhas da letra*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989, p. 221-240.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo, Universidade de São Paulo, 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis: Vozes, 2009.

Sites consultados:

CARVALHO, Paulo de. Angola: Estrutura Social da Sociedade Colonial. *Revista Angolana de Sociologia*, 7 | 2011. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/ras/1185> ; DOI : 10.4000/ras.1185>. Último acesso em novembro de 2018.

Jornal Expresso. Morreu escritor Ruy Duarte de Carvalho, 12 de agosto de 2010. Disponível em <<http://expresso.sapo.pt/sociedade/morreu-o-escritor-ruy-duarte-de-carvalho=f598803#gs.=k1rM9E>>. Último acesso em novembro de 2018.

LIMA, Paulo Branco. Ruy Duarte de Carvalho: vou lá visitar pastoras. In: *Cultura*: jornal angolano de Artes e Letras. 17 a 30 de janeiro de 2017, nº 126, Ano V. Diretor: José Luís Mendonça. Disponível em <<https://blog.lusofonias.net/wp-content/uploads/2017/01/CULTURA-126.pdf>>. Último acesso em novembro de 2018.

SEIXAS, Maria João. Ruy Duarte de Carvalho. Portugal: *O Público*, 5 de junho de 2000. Entrevista a Ruy Duarte de Carvalho. Disponível em <<https://www.publico.pt/2000/06/05/jornal/ruy-duarte-de-carvalho-144854>>. Último acesso em novembro de 2018.

VIDAL, Nuno. *A construção da nação e a consciência nacional*: entrevista a Ruy Duarte de Carvalho. Luanda, 12 a 15 de julho de 1998. Disponível em: <<http://www.buala.org/pt/ruy-duarte-de-carvalho/a-construcao-da-nacao-e-a-consciencia-nacional-entrevista-a-ruy-duarte-de-car>>. Último acesso em novembro de 2018.